Cinearte

ANNO IV
BRASIL, RIO DE J... 1929
Preço para ... 000

OLGA BACLANOVA

— Quando soffria um ataque de enxaqueca,
a dôr e o mal estar tornavam-se tão intensos, que ella ficava horas e horas soffrendo horrivelmente num quarto escuro, sem poder sequer supportar a luz.
Que achado, que allivio, quando, depois de haver experimentado meia duzia de remedios, sem resultado, tomou uma dóse de
CAFIASPIRINA
BAYER
CAFIASPIRINA
Passados poucos momentos, e a dôr e o mal estar tinham desapparecido como por encanto!
Dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias; cólicas menstruaes, rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.
Não affecta o coração nem os rins.
"meu unico allivio"!

USANDO

ELIXIR DE

INHAME

Depura - Fortalece
Engorda

TÃO SABOROSO COMO QUALQUER LICOR DE MESA

"CINEARTE"

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

Directores: MARIO BEHRING e A. A. GONZAGA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$. — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO. — Rua do Ouvdor, 164. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó nº. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

A oitava medalha do "Photoplay", foi ganha pelo film de Frank Berzage, "O Setimo Céo". Como se vê, Frank Berzage é agora o unico director que cujo trabalho já mereceu esta medalha pela segunda vez. A primeira foi em 1920 com "Humaresque".

CINEARTE

Ha muito tempo, muito antes de o Cinema haver aprendido a falar, em velhos e remotos tempos, quando o Cinema começava a desenvolver-se naquelles obscuros e passados dias, ha mais de dez annos, a ordem de um director de partir para um logar determinado era um acontecimento diario.

Não é demais lembrar que a expressão "locomover-se" significa realmente movimento, isto é, que a "companhia" deve deixar o Studio e fazer seus films ao ar livre, a luz do sol, sempre prompto e em condições de fornecer toda luz sem se despender um real.

Os elementos para a partida consistiam de quatro ou cinco membros da companhia, que iam num velho automovel, juntamente com o director e um operador cuja insignia do officio era demonstrado pelo seu bonnet com a pala para traz.

E si por acaso o operador apresentava-se com pouco disposição, não seria nada estranho ver o director tomar o seu logar no manejo da machina photographica.

Si a scena se passava num deserto, ou nos impenetraveis bosques do Amazonas, ou ainda no declive da margem do Nilo, esses sitios sempre podiam ser facilmente encontrados a algumas milhas distantes do "logar". De certo, ás vezes desconcertava um pouco o vêr-se a um dos artistas no "deserto do Sahara" tropecar na armação de um guarda-chuva velho ou num coelho americano que de repente surgia á entrada de sua toca, numa região que se suppunha ser "as margens do rio Nilo".

Entretanto, o publico não era naquelle tempo tão exigente ou melhor dito o publico exigente então não gostava de ir ao Cinema, e quando ia, nunca o dizia, porque isso era considerado tão degradante como a leitura de uma novella barata.

Compare-se tudo isto com a proposta do director W. S. Dyke de invadir os tropicos para se fazer um film no qual Ramon Novarro será o galã.

Póde ser que 99% das pessoas que tiverem occasião de ver este film quando acabado, possa dizer que a costa da California é uma ilha nos tropicos. Mas para satisfazer á outra parte do publico, e para dar a naturalidade do ambiente, isto é, a côr local, ficou decidido fazer-se este film precisamente em ilhas na região tropical.

Doze são os principaes artistas, e muitos os extras que fazem parte da caravana. Os artistas da terra e outras pessoas que forem precisas serão arranjadas no proprio logar. O director será auxiliado por dois assistentes, um operador e dois ajudantes deste, e haverá vinte e sete technicos e electricistas. Este numero de technicos pode parecer demasiado, mas é necessario devido á escassez de pessôas com habilidades technicas na ilha.

Entre os accessorios que serão levados, destaca-se um motor gerador portatil, que dará a força necessaria para a luz nos logares onde a luz solar não seja sufficiente, a uma machina para apanhar os sons dos ruidos da selva afim de serem usados na apresentação do film.

Ramon Novarro com a sua inclinação musical levará um piano e um professor de musica. (A proposito, Ramon está pensando em acceitar um contracto na Opera de Berlim).

O resto da carga será composta de uma vasta quantidade de alimentos em conserva, para os paladares civilisdos da companhia.

E' interessante notar que seguem sete caixas de café, pois, por experiencia' propria Van Dyke já sabe que o café não é torrado na ilha que elles intentam visitar; o café ali é frio numa frigideira e o resultado é uma tal mistura que o homem civilisado não supporta.

Levam tambem um poderoso apparelho de radio e respectivo material, com o proposito de permittir áquelles que estão no logar, o recebimento de noticias e os programmas aereos dos Estados Unidos, e tambem para a transmissão de menagens.

Na verdade, nājo ha como negar que nestes uutimos dez annos têm havido muitas novidades no modo de preparar-se uma fita...

卍

Todo o film brasileiro deve ser visto.

DOROTHY JANIS, RAQUEL TORRES, MARY DORAN, FAY WEBB E BLANCHE LE CLAIR...

A viagem do presidente eleito dos Estados Unidos ao Rio de Janeiro, trazendo no seu sequito uma consideravel quantidade de reporteres, photographos e operadores cinematographicos. Dado o justo interesse que despertou essa primeira excursão á America latina de pessôa consagrada por tão alta investidura, se outros resultados não lograr, vae servir ao menos para attrahir para a nossa cidade uma legitima curiosidade desde que sejam, como serão, projectados na téla de todos os Cinemas norte-americanos os episodios, os aspectos da viagem, as cerimonias da recepção, etc., etc.

A atmosphera de franca e sincera cordealidade que aqui encontraram os excursionistas contrastou singularmente com a de franca prevenção, mal disfarçada pela cortezia protocollar com que foi acolhido em varias partes o presidente Hoover.

O carinho hospitaleiro de que foram aqui cercados todos os membros da comitiva presidencial, a nossa natureza formosissima, os encantos inegualaveis de nossa metropole causaram funda impressão no espirito daquelles que por tres dias foram nossos hospedes; e essa impressão ha de se fazer sentir através do film em toda a grande republica norte-americana exaltando, elevando o nosso paiz tão desconhecido e tão injustamente julgado.

A curiosidade, o interesse patriotico ha de fazer com que os films tirados da excursão presidencial sejam fartamente divulgados. E essa divulgação prestar-nos-á mais serviços do que quantos o thesouro têm até aqui custeado, em materia de propaganda.

Um dos operadores cinematographicos da comitiva, não sabemos a que empresa pertencente, andou todo o dia de sabbado a percorrer todos os pontos mais pittorescos da nossa cidade colhendo impressões e quiçá scenarios para figurarem em films futuros.

Delle ouvimos as impressões mais enthusiasticas sobre as possibilidades do Rio de Janeiro em materia cinematographica. "Sem arredar pé do ambito urbano, sem necessidade de custosos e onerosos deslocamentos de pessoal e de material poder-se-ia fazer no Rio films que ultrapassariam em belleza paizagistica todos até agora realizados. O mar, a montanha, a floresta, as grandes moles de casario e as humildes choupanas do proletario, palacios e albergues, tudo aqui se accumula e acotovella de sorte a proporcionar ao productor uma situação ideal. Um Studio no Rio, entre a Gavea e a Tijuca reuniria todas as possibilidades dos grandes Studios de Nova York e California.

Se eu fosse responsavel por uma das grandes empresas productoras do meu paiz, immediatamente me trasferiria com armas e bagagens para o Rio de Janeiro".

Ahi tem os leitores a impressão franca de um technico sobre as possibilidades da nossa metropole em materia da cinematographia.

Corrobora plenamente quanto vimos affirmando ha quasi um decennio, numa propaganda tenaz, obstinada e no fundo profundamente patriotica, porque cada dia que passa mais e mais nos convencemos de que a implantação da industria cinematographica entre nós, em largos moldes, dotada de todos os recursos, corresponderia nos dias que correm ao melhor serviço prestado á nossa terra.

E se insistimos na necessidade de se preoccupar o governo com o assumpto, não é tanto pelo auxilio pecuniario que porventura desse interesse possa resultar, mas pela necessidade de uma supervisão intellignete sobre os films que produzidos aqui fossem levar ao estrangeiro os aspectos de nossa terra, da nossa vida, dos nossos habitos e costumes, evitando a formação muita vez de um falso juizo sobre o Brasil por via de assumptos mal escolhidos, de scenas que nos mostram sob aspecto desfavoravel.

A viagem do Presidente Hoover, attrahindo sobre nós a attenção da Norte America, poderá trazer-nos, mais do que até agora, um affluxo de visitantes, de excursionistas, de touristes, de capitalistas em villegiatura, desejosos de vêr as terras encantadas de que tiveram noticia pelos films da excursão presidencial.

Póde muito bem ser que entre outros excursionistas venham alguns interessados na industria do film. E é possivel ainda que de facto se installe entre nós a industria. Mas ai! Será a industria estrangeira, controlada pelo capital estrangeiro, por estrangeiros dirigida.

Por que retardar mais a solução de assumpto para nós de tão palpitante interesse?

Mas para implantarmos essa industria é mistér tambem modificarmos um pouco a nossa mentalidade. Narram os jornaes que mal desembarcado, um dos operadores, deslumbrado, correu ao Ministerio da Marinha solicitando lhe fosse permittido tirar aspectos da nossa cidade do alto, por meio de um dos aviões officiaes.

"Foi-lhe recusado o pedido sob a allegação de não o permittirem os regulamentos navaes.

Ora seja tudo pelo amôr de Deus! O exemplo vivo de quanto é outra a mentalidade dos americanos do norte, na materia, ahi estão patente na legião de operadores, reporteres, photographos, viajando todos a bordo de um navio de guerra, cousa naturalmente vedada tambem lá pelos regulamentos officiaes.

Mas... a questão das leis é a sua interpretação intelligente.

Com essas restricções futeis, ridiculas, essas interpretações estreitas, nunca teremos industria cinematographica entre nós.

S. M. o film carece liberdade plena. E é essa liberdade que ninguem lhe tolhe que faz a grandeza e a prosperidade da industria cinematographica norte-americana.

Lá movimenta-se até uma esquadra para auxiliar a execução de um film.

Aqui... nega-se um avião a um operador que desejava fazer propaganda desinteressada da nossa cidade, de suas bellezas, dos seus encantos...

Seja tudo pelo amor de Deus, repetimos.

ANNO IV — NUM. 149
2 — JANEIRO — 1929

CINEMA BRASILEIRO

(DE PEDRO LIMA)

ZILDA DE MORAES, A PROVAVEL ESTRELLA DA HELIOS-FILM

Frequentemente temos tido noticias de que a Helios Film vae produzir. Pelliculas de enredo. Que adiantem. Unicas, verdadeiramente de valor...

As informações são verdadeiras. Os films não. São promessas... Não se realizaram hontem. Nem hoje. Talvez amanhã, sim...

Outros, com muito menos recursos, já têm apresentado alguma cousa. Alguns, auxiliados até pela propria Helios. Só ella não produziu nada aproveitavel.

No entanto, quando José del Picchia deixou a Independencia e Omnia Film, onde foi socio de Armando Pamplona, e fundou a Helios, pensei que fosse para produzir films de enredo...

Mas não ficou nisso.

Associando-se com Alvim & Freitas e Tibiriçá, sob a epigraphe de Iris, collaborou em "Vicio e Belleza".

Ganhou dinheiro. E experiencia tambem. Verificou que com uma historiasinha tão fraquinha como aquella conseguira mais do que em todas as filmagens para o governo e particulares. E começou pensando sériamente no film de Arte.

— "Abandonei os cine-jornaes. Não farei mais letreiros. Agora só as producções de enredo me interessam".

Declarou-me José Del Picchia.

Acredito na sua sinceridade. De todos os cinematographistas de S. Paulo, é um dos poucos de quem se póde esperar um esforço sério pelo nosso Cinema. Si elle quizer...

Pelo menos, está cogitando disso. Vi suas installações. Levou-me ao local que pretende arrendar para localisar seu Studio. E emquanto isto, pensa aproveitar o da Visual, que de certo Fagundes cederá, como tem feito á todos os cinematographistas que não o desejam vêr abandonado. Conversamos sobre a nossa filmagem no Rio, e fiz-lhe vêr as vantagens da luz incandescente, e dos resultados obtidos em "Barro Humano". Conheci pessoalmente tres dos artistas que pretende lançar: Moysés Mahir Cohen, Remo Cesaroni e Zilda Moraes, uma moreninha que nem é deste mundo. Falta-lhe o galã.

Talvez Diogenes de Nioac. O primeiro, conheci aqui no Rio, quando uma tarde entrou pela redacção, suando e esbravejando como um Jannings. O outro, avistei-o na S. Paulo Ideal Film, onde está dirigindo "Odio Applacado".

A estrella foi por acaso. Procurava uma das nossas leitoras, para vêr justamente as suas possibilidades de tentar o Cinema, e por uma troca de endereços fui ter á sua casa. Só depois de termos conversado algum tempo é que soube quem era. Frequentára uma escola destas de Cinema e desistira de querer posar aqui, por julgar tudo pelo mesmo prisma. Provavelmente mudará de pensar agora.

Quanto á Diogenes de Nioac devem se lembrar de "Fogo de Palha".

As intenções de José del Picchia não podem ser melhores. Para secundal-o, tem seu filho Victor, que já é um operador procurado em São Paulo, e seu mano Menotti, com o qual cooperará na direcção e será, sem duvida, o escriptor da historia a ser filmada.

Fui-lhe apresentado no escriptorio da Helios, pois desejava immenso conversar sôbre as nossas possibilidades, para ter melhor orientação. Notei que Menotti parece já ter alguma comprehensão de Cinema. Pelo menos acha o "visualisador" de Fagundes uma cousa pratica, e quer escrever sua historia sujeita a um scenario.

Volta assim Menotti del Picchia, declaradamente de novo ao nosso Cinema.

Elle foi de Cinema antes de ser esculptor, poeta, pintor e deputado estadual.

Menotti nasceu com o Cinema, ao tempo em que elle tambem estava na infancia.

Foi um dos seus precursores em S. Paulo.

Mas sentiu que era preciso criar um nome seu, para com elle dar mais relevo ao Cinema. Passou muito tempo afastado e quando voltou já o encontrou mocinho, encarreirado e com as perspectivas de um brilhante futuro.

Quem os vir agora, lado a lado, já não os apontará com um sorriso de soslaio. Antes, dirá que o nosso Cinema já é alguma cousa real. Alguma cousa que não é só esperança de sonhadores. Nem uma luta de Pedro Fantol com Maximo Serrano...

Se Menotti quizer, se não ficar só em promessa, elle póde fazer ainda muito. Mais um que luta não faz mal a ninguem, se tiver sinceridade, fôr patriota e fôr firme nos ideaes a realizar.

NORKA ROUSKAYA E GUILHERME BOCCHIALINI EM "ESCRAVA ISAURA"

Menotti póde cooperar pelos nossos films no Congresso Paulista onde tem sympathias e apoio. Póde conseguir leis que os amparem, como todos os povos já o têm conseguido. O Cinema é uma fonte de nacionalismo, e fica bem a São Paulo, mais uma vez levantar o grito da nossa Independencia cinematographica.

Seria uma auspiciosa volta para Menotti, ao seio da familia cinematographica. Não vamos brincar mais de filmagem. Vamos fazer Cinema. Com Arte. Sem preoccupacão de "cavações" com o governo. Sem themas immoraes.

Amparado por leis que o protejam da concorrencia estrangeira. Realizado por gente culta. Que não confunda Cinema com literatura. Nem com theatro. E seja persistente. E tenha muita sinceridade.

E' preciso não ficar só no enthusiasmo do momento. Não pensar só numa publicidade momentanea... Tambem em Minas, o deputado Sandoval que poderia fazer pelo Cinema Brasileiro, não passou de promessas.

E que não haja mal entendidos. Vaidades ridiculas. Preoccupações de querer ser mais do que é. Este tem sido um dos maiores males do Cinema no Brasil Muitos esforços têm se perdido por isso Só por isso...

Com sinceridade, a Helios film terá realizado seus fins. Elementos não lhe faltam. Mas é preciso ter mais comprehensão de Cinema. Deixar de umas tantas cousas. Que não adiantam. E só podem ser prejudicial.

Nesta visita a Helios, por suggestão dos proprios interessados, posamos diversas chapas: Menotti e José del Picchia e eu.

Pois bem, até hoje ainda não recebi uma só prova. Tudo porque "Cinearte" numa chronica da "Secção de S. Paulo", registrou a fallencia da fusão Guará-Helios Film. Mas sem qualquer commentario.

Como um registro apenas. Exigem uma satisfação. Trocaram de mal...

Quando podiam, se de facto esta noticia não fôr verdadeira, pedir uma rectificação.

Agora quanto aos retratos, o seu interesse para "Cinearte" é relativo. Para mim, tanto se me faz posar ao lado dum Menotti ou José del Picchia, como de um Nino Ponti e Henrique Medeiros. E' a mesma cousa. Questão de praxe jornalistica. De registro. De consideração...

José del Picchia deve saber disso tão bem quanto nós de "Cinearte". Já numa carta de 11 de Março do anno passado, solicitava:

"Estamos organisando, para ser collocado em quadros no nosso escriptorio, uma série de photographias, de artistas nacionaes, directores, operadores e escriptores. Desejavamos tambem que os amigos Gonzaga-Pedro quizessem dar o prazer de completar a galeria, como homenagem ao esforço com que se batem pela cinematographia nacional".

Até hoje não consta que tenha sido attendido. Aqui seria uma vaidade de nossa parte.

Mas vamos deixar estas cousas que não interessam, e vamos cuidar de Cinema. Não vale a pena estas rusgasinhas.

"Cinearte" apoia todos os esforços pela nossa filmagem de enredo. Desde que ella seja criteriosa, sincera, e represente mais um passo no progresso do nosso Cinema.

Realizar, esta é a questão. E todo o nosso apoio, que não vale nada, e póde valer muito, está a disposição da Helios, tanto mais que José del Picchia é um dos poucos cinematographistas do qual podemos esperar um esforço serio pelo nosso Cinema.

Si elle quizer...

GINA CAVALIERE E ESTELLA MORAES FIGURARAM EM "BARRO HUMANO" E JÁ TÊM OS PRIMEIROS PAPEIS DO FILM DE GENTIL ROIZ JÁ INICIADO

SORÔA NO RIO

Para passar o Natal e Anno Bom com sua familia, está no Rio, Luiz Sorôa, o galã de "Braza Dormida".

Servindo-se da sua estadia entre nós, Sorôa tem aproveitado para visitar e conhecer toda a colonia cinematographica, tendo sido visto varias vezes na companhia de uma estrellinha do nosso Cinema, com quem talvez fará um film proximamente...

Tambem está entre nós, Edgar Brasil, o responsavel pelos trabalhos de "camera" da Phebo, sendo esperado por estes dias a vinda de Humberto Mauro, para tratar de escolher a historia do proximo film a ser produzido em Cataguazes.

UM PRODUCTOR FORTE QUE DESPONTA...

Um dos nossos mais celebres advogados, e potentado no mundo das finanças, vem acompanhando a confecção de "Barro Humano", como um estudo sobre as possibilidades do Cinema no Brasil.

E' seu intento, volver sua actividade para a nossa Industria fundando uma grande empresa, que provavelmente filmará como trabalho de estréa uma adaptação da "Marqueza de Santos".

Sabemos mais, que cogita da montagem de um Studio, provavelmente em Icarahy, e que as principaes figuras apontadas para a producção de estréa terão Reynaldo Mauro, Eva Schnoor, Roberto Zango e Eghy Dory nos principaes papeis. Se para isto ser uma realidade depender sómente de "Barro Humano"... Não ficará só em promessa.

COMO ALVARUS VIU LELITA ROSA . . .

(Caricatura especial para CINEARTE)

RUTH
TAYLO

MARY PHILBIN

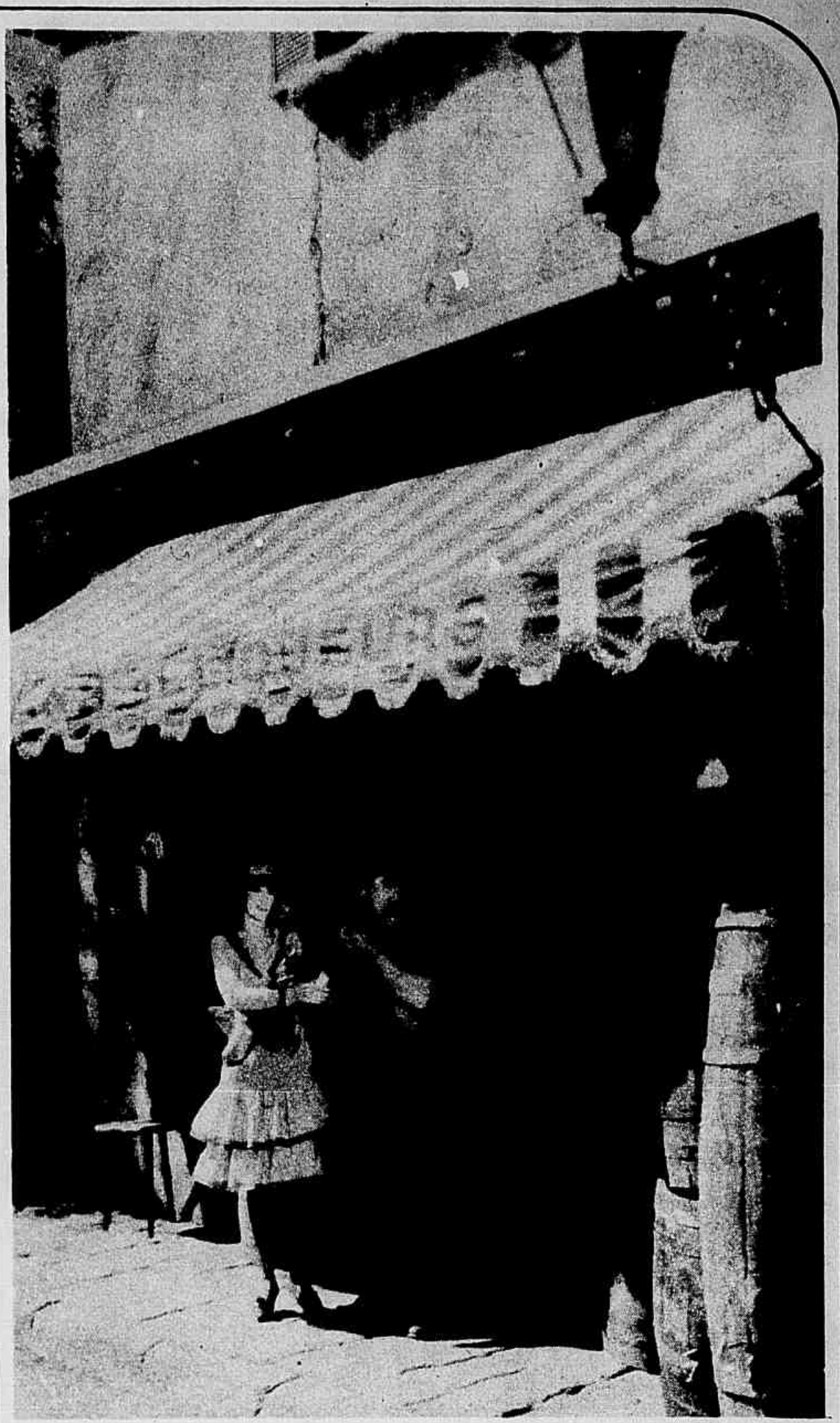
Figurinos de Hollywood

RAQUEL TORRES...

RENÉE
ADORÉE

JULIO DE MORAES,
LIA E
PAUL IVANO

Lembranças de Lia Torá

IRMANZINHA CLELIA,
MAMÃE, SOBRINHA
MARISA E LIA...

SCENAS DE "THE VEILED LADY" QUE SERA' "MULHER ENIGMA"

Ainda Lia Torá..

COM ALBERT CONTI EM "A ROMANCE OF UNDERWORLD", ANTES DE SER ESTRELLA

PERGUNTA-ME OUTRA...

Mr. Paramount (S. Paulo) — 1° Betty, Warner Studio, Sunset and Bronson, Hollywood, California. 2° Frances, Christie Studio, Gower and Sunset, Hollywood, California. 3° M. G. M. Studio, Culver City, California. 4° Não tenho. 5° Fox Studio, Western Ave, Hollywood, Cal.

Marina (São Manoel) — Obrigado. Mary Pickford e Vilma, U. A. Studio, N. Formosa Ave, Hollywood, California. Clara Bow, Paramount Studio, Marathon Street, Hollywood, California. George O'Brien, Olympio e Lia, Fox Studio, Western Ave, Hollywood, California.

Sportsman (Rio) — Já respondi a carta a que se refere. Não sei a altura de George K. Arthur, nem de Mary Brian. As visitas, conforme. O primeiro film de Lia vae demorar. Reynaldo Mauro responderá breve a todas as cartas.

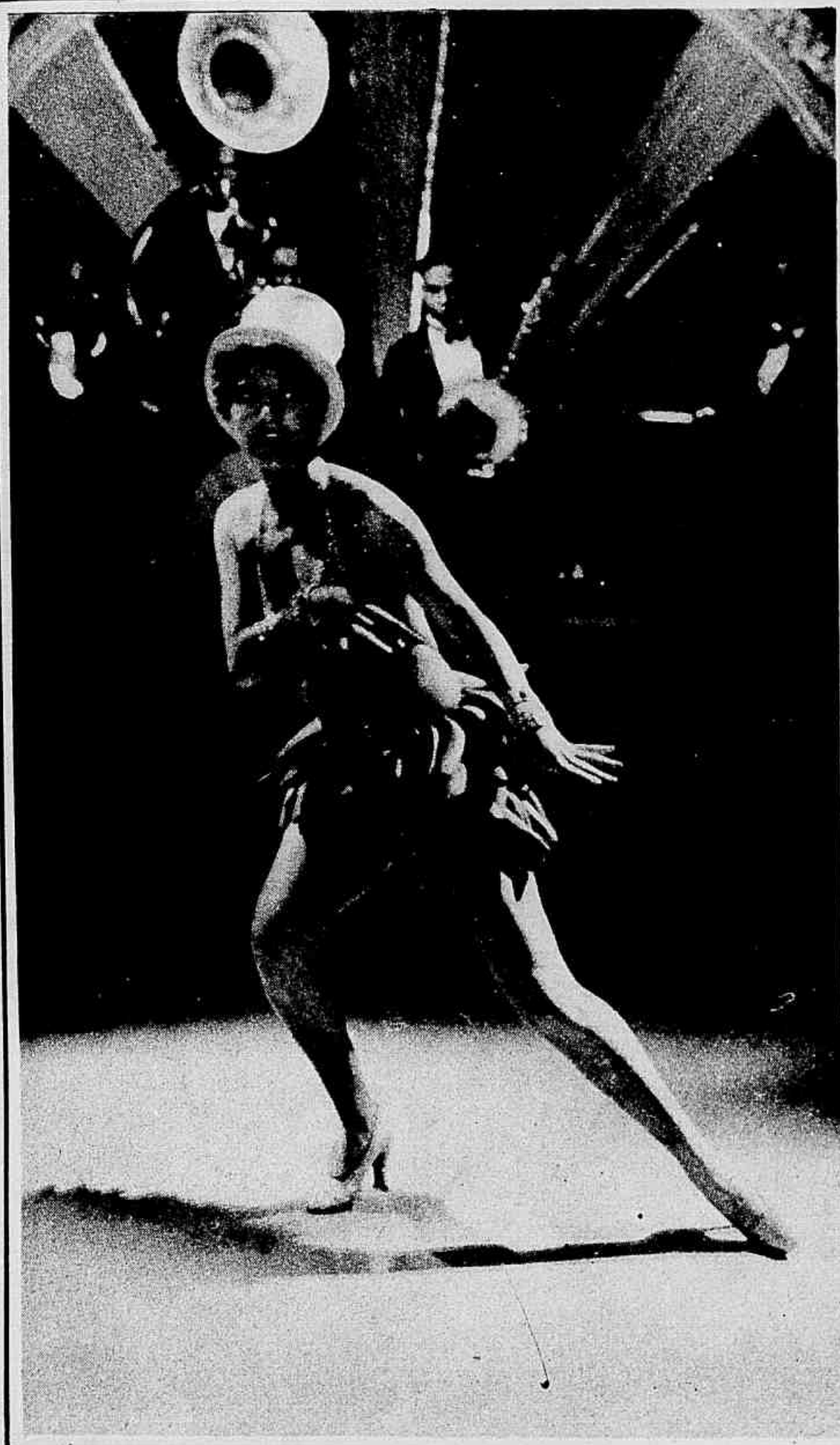
Jean Norton — Lia, Fox Studio, Western Ave, Hollywood, California. Nita Ney, aos cuidados desta redacção. Gracia Morena, Benedetti-Film, R. Tavares Bastos 153, Rio. Eva Nil, Atlas Film, Cataguazes, Minas. Dolores Del Rio, Tec Art Studio, Mehose Ave, Hollywood, California.

A. G. A. (Pará de Minas) — Já pensamos nisso e algum dia teremos, mas o que precisamos é de Cinema Brasileiro.

Val. (S. Luiz) — Mas ha varios departamentos. Vocês deseja os do Rio, ou os de New York? Não existe, por emquanto, film de Lia com Edmund Lowe.

Benedicto (Pinheiro) — "Braza", afinal só irá depois do Carnaval. Sim, é o que dizem. Muito bem, continue!

Moacyr (Maceió) — Obrigado pelos informes. Não poderia enviar todos os mezes uma resenha mais bem cuidada dos films exhibidos ahi? E' como se o fosse.

DOROTHY MACKAILL

JOHN BARRYMORE E MONA RICO

Lili (Rio)—Muito bem Lili, gostei. Luiz Sorôa. Porque não me dá algumas suggestões para o proximo "Cinearte-Album?" Gonzaga deseja começar a fazel-o desde já e diz que ha de ser o melhor de todos.

Wilson Fonseca (Santarém, Pará) — Obrigado. Agradeço e retribuo.

OPERADOR

BILLIE DOVE E ANTONIO MORENO

Lupe Velez... eu gosto de

você...

COM MEDO DAS

Jim Trenny, pretendia o titulo de campeão dos pesos-leves e por isso treinava rigorosamente e com afinco, sem cogitar em futilidades e especialmente nas representantes do bello sexo. Jim, embora reconhecesse o seu valor como lutador, achava que a sua vida de retrahimento prejudicava a sua popularidade e por isso receiava um fracasso de bilheteria. Por isso, recommendou a Chuck O'Brien, o seu treinador, que o levasse para Nova York e o fizesse frequentar os cabarets e os outros logares onde a vida nocturna corria animada, afim de tornal-o conhecido do mundo que se diverte. Por isso, nessa mesma noite, o empresario e o treinador, levaram o nosso Jim muito contra sua vontade, a um desses salões afamados de baile, onde nosso heroe se viu logo cercado de duas bellezas estonteantes, uma loura e outra ruiva. Acabou por dansar com a loura, que empregou todos os meios para fazer-lhe a conquista. Jim ficou com tanto medo de cahir nos laços daquella sereia tentadora, que fugiu espavorido daquelle antro de perdição.

Para chegar á sua residencia, atravessou o Parque Central quando teve occasião de vêr, áquella hora adeantada da noite, uma pequena italiana encolhida numa attitude de soffrimento sobre um dos bancos. Era Madeline Conradi, que fugira de casa devido aos máos tratos infligidos pelo seu padrasto, que queria forçal-a a casar-se com um patricio de nome Pietro, por quem ella sentia aversão. Jim apiedado da sorte da pequena approximou-se e dirigiu-lhe umas palavras consoladoras. A gratidão da Madeline foi tão grande, que ella não mais largou Jim, a quem acompanhou até sua casa, como um cachorrinho perdido que procura alguem que o queira recolher. Jim não teve animo de enxotal-a. Poucos momentos depois, Chuck, que era tambem companheiro de casa de Jim, chegava. Ambos penalisados de Madeline, deram-lhe comida e agasalho. Na manhã seguinte, quando Maloney veiu fazer a sua visita matinal, os dois viram-se atrapalhados para explicar a presença de

MULHERES

(N I G H T   B I R D)

FILM DA UNIVERSAL com Reginald Denny — Betsy Lee — Sam Hardy — Harvey Clark — Corliss Palmer — Jocelyn Lee — Alphonse Martel — George Boo-Kasta e Michael Visaroff.

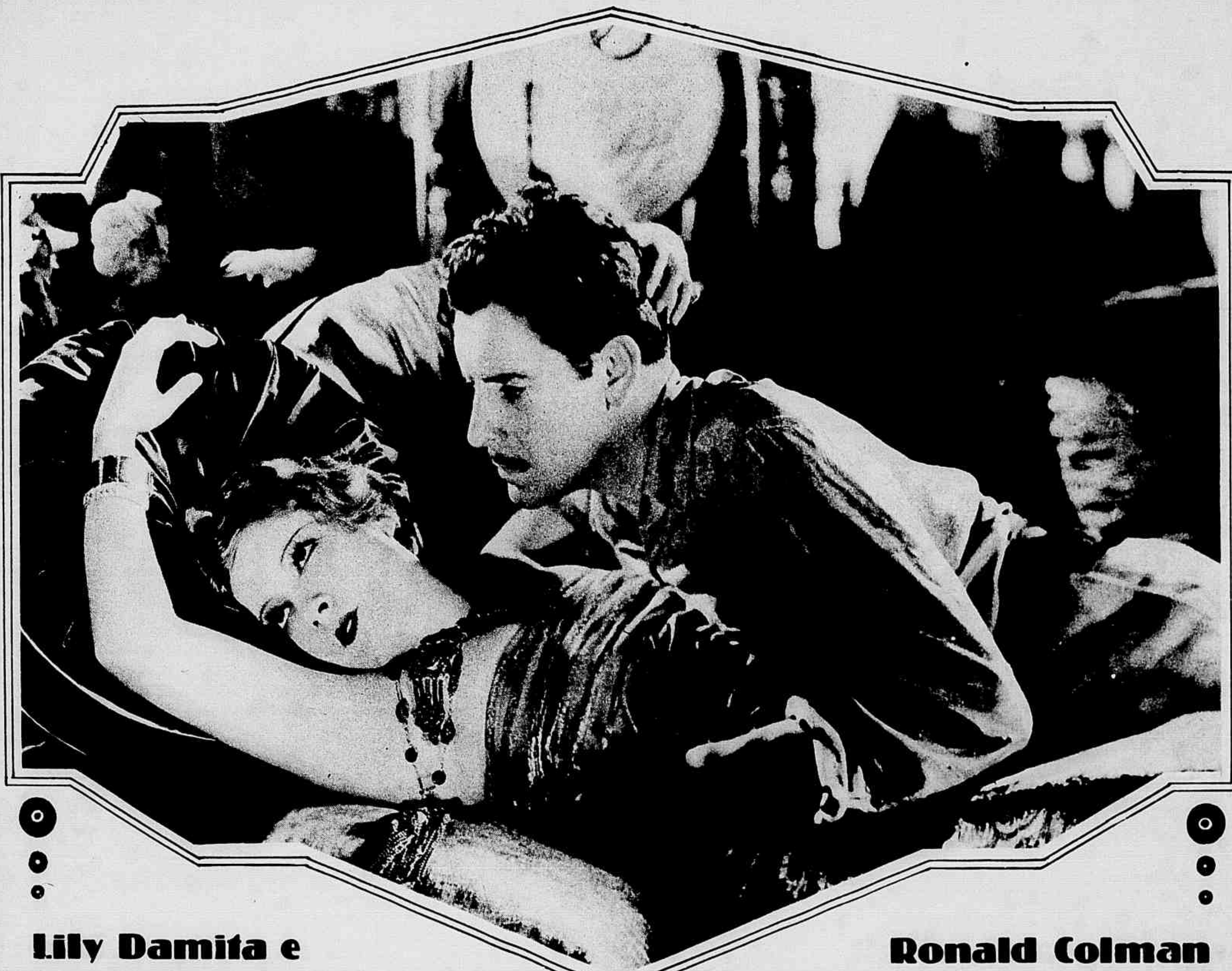
Madeline na casa delles, mas por fim contaram-lhe a desventura da moça, que pedia muito para que não a despedissem, pois estava prompta para servir-lhes de empregada. Não tardou que Madeline se apaixonasse sériamente de Jim e este por sua vez, sentia a sua admiração por ella augmentar diariamente.

Para executar o programma do empreiteiro da luta, isto é tornar Jim popular, assentaram que iriam a noite ao grande baile das Bellas Artes em Webster Hall. Levariam tambem Madeline, para quem arranjaram uma toilette chic. Entre as innumeras damas presentes, estavam a loura e a ruiva que já conhecemos, as quaes immediatamente cercaram o nosso Jim e tantas fizeram que o separaram de Madeline. Uma das dansarinas com quem Jim volteou, pertencendo á classe de pequenas atrevidas, não hesitou, a um momento dado, de pendurar-se ao seu pescoço e cobril-o de beijos. O nosso heroe ficou tão atarantado, que disparou em direcção, á saccada, onde achou Madeline bastante aborrecida. Perseguiram-no até ali, Chuck e Maloney, assim como a dansarina que elle largara tão bruscamente. Esta quiz continuar seu manejo anterior, mas não contou com o ciume de Madeline, que atracou-se com ella. Na confusão que se seguiu, Jim e Madeline desappareceram e foram para casa. Uma vez chegados ali, segurou Madeline nos braços para confessar-lhe que a amava. Como fossem pilhados por Chuck, que acaba de chegar, Jim com o seu acanhamento de costume, retirou-se para um quarto adjacente. Chuck aproveitou o momento para dissuadir Madeline, dizendo-lhe que o casamento de Jim viria cortar-lhe a carreira de boxeur de fama. Depois foi para junto de Jim para fazer-lhe ouvir, o que, no seu modo de vêr,

(Termina no fim do numero)

Lily Damita e Ronald Colman

O MAIS ASSIDUO FREQUENTADOR DO CINEMA BATUTA

(*DE BARROS VIDAL especial para Cinearte*)

Porque Batuta?

Não sei... as suas cadeiras não são mais confortaveis que as dos outros Cinemas nem os seus films de marcas mais afamadas. Pelo contrario. No seu "écran" passa de tudo... Mas batuta ou não batuta, ali estavamos ha meia hora, olhando para todos os cantos procurando quem não achavamos, um homem que nunca viramos mas cuja figura, de exotica, disseram-nos, era inconfundivel. Fatalmente elle apparecia, demorasse mais cinco, mais quinze, mais vinte minutos — mas não deixava de apparecer com os seus oculos-lanternas e seu ar de cégo que, tacteando nas trevas, procura o guia que se escapou... Delle nos haviam dito as palavras mais amargas e chistosas, palavras que traçavam aos nossos olhos a caricatura mais original. Ali á porta do Cinema, cuja frequencia tambem é inconfundivel e ante cuja entrada ninguem vacilla por causa do convite que a domina no alto "cinema não é privilegio de rico; entre como estiver" — o Cinema Batuta — vimos invadir-lhe o salão um mundo de gente e ainda eram duas horas da tarde.

— E' sempre assim?

— Ué, porque não? Então é atôa que elle se chama Batuta? e o negrinho pernostico, que interpellaramos, desappareceu em meio da onda que invadiu o interior da sala.

Mas os minutos corriam e elle, o mais assiduo frequentador do Cinema, tardava. As duas primeiras partes do film haviam acabado e elle... demorando.

— E' capaz de não vir...

— Vem, porque não?

— Está demorando...

— E' assim mesmo... Só deixou de vir uma vez mas soube-se depois, porque...

— !...

— Morreu-lhe a noiva...

— Ah!...

— Pois é. E' mais certo desabar um arranha-céo do que elle não apparecer sem causa justificada!...

※

— Lá vem elle!...

E a amabilidade do informante nos sacudiu o braço com força.

— Aquelle?

— Sim... elle em carne e ôsso!...

O homenzinho atravessava a rua. A primeira impressão que offerece é que não se serve dos olhos para orientar-se porque vem patinhando com os pés na calçada, como a apalpar o terreno antes de pisal-o. Veste roupas modestas nas quaes o desleixo é a nota mais gritante. E em visivel contraste com as roupas gastas tem um chapeu de feltro, novissimo. Tem geito de menino, mas tem idade de homem que começa a preparar-se para envelhecer...

— O nome delle?

— Justino.

— Que faz?

— E' jornalista!...

— Não creio...

— E' o que lhe digo...

O homem estava parado, em nossa frente. Fomos apresentados e elle ao tentar apertar-nos a mão que lhe extendemos não o conseguiu porque... não a achou. Como quem tem uma venda nos olhos e não acha o que deseja achar — porque não vê — elle não acertava com a nossa dextra firme, bem junto á corrente do seu relogio de nickel.

Mas, vencida essa difficuldade elle, ao par do que desejavamos, sorriu, vaidoso, dizendo, como se uma onda de modestia o envolvesse:

— Quem sou eu para "deitar" entrevista?

E antes a nossa insistencia:

— Bem vá lá... o que "Cinearte" póde querer de um pobre diabo como eu?

— Impressões...

— As suas ordens...

JUSTINO NORO. OS OCULOS SÃO DE HAROLD LLOYD E O CORAÇÃO DE CLARA BOW...

Justino Noro — o mais assiduo frequentador do Cinema da rua Senador Pompeu — é uma curiosissima figura popular dos nossos jornaes diarios. A informações que delle nos haviam dado, de que elle era jornalista, não estava, de tudo, destituida de verdade. Elle enfeixa em suas mãos e na sua actividade o prestigio de uma grande utilidade porque é, apenas na sua simplicidade extrema, o homem talhado para realizar o que os outros não realizam. E, assim, occupando nas redacções um logar que não existe elle consegue viver honestamente, ganhando o sufficiente para manter-se e para assistir ás sessões do "Batuta". Justino nem sabe pegar na caneta. Escrever, para elle, é tão difficil como vêr... mas a esphera de acção, no jornal, onde elle brilha é na chamada "cavação" da photographia — a grande interrogação que se levanta, como uma sombra sobre todos os dramas e crimes que se desenrolam na cidade...

A's vezes é preciso montar guarda a uma casa cujos proprietarios sahiram para voltar vinte horas depois... O reporter, tem sempre muito serviço a fazer. Não póde esperar, parte... mas o Justino, que faz da propria desocupação um mistér, fica e triumpha sempre, pela paciencia.

QUANDO A FITA E' CACETE, ELLE ACABA ASSIM...

Tudo isso elle nos contou, rindo gostosamente de quando em quando e mostrando o unico dentinho que lhe povôa a gengiva superior...

— Gosta muito de Cinema?

— Depois da minha mãe é o que gosto mais na vida...

— Vae a todos os Cinemas?

— Não. Só a este...

— Porque?

— Questão de habito... antigamente vinha aqui todas as noites por causa da minha noiva, uma telephonista que morreu...

E vencendo uma pausa depois de engulir um soluço:

— Ella foi-se, mas o habito ficou. E, não sei mesmo porque, no dia em que não venho ao cinema, sinto que me faltou alguma coisa...

— Quaes os seus artistas predilectos?

— Os dois melhores do mundo...

— Na sua opinião...

E elle, como uma autoridade no assumpto:

— Nas mais autorizadas opiniões do mundo...

— Mas quaes são, afinal?

— Lon Chaney e Clara Bow...

— Realmente, são bons artistas...

E elle, convicto:

— Bons, não — os melhores...

— Vê bem os films correr na téla, sendo, sendo, assim, doente dos olhos? — perguntamos-lhe á queima-roupa, ao que elle disse, não muito contente:

— No escuro vejo bem, graças a Deus...

※

Justino Noro discorria, agora, sobre o Cinema Brasiliero. E — com licença do Pedro Lima — elle acha que todos nós, patriotas, devemos fazer um grande esforço pelo seu triumpho.

— Você sonha ser "astro" do nosso Cinema? Justino dando a sua mais estrondosa gargalhada:

— Com esta cara? E, a seguir:

— Desejo immensamente conhecer os segredos da filmagem. Isso, confesso, tenho grande curiosidade em ver, mas em ser artista só mesmo se eu pudesse apparecer com mascara...

— Já viu algum film brasileiro?

— Já vi todos que representaram e gostei de todos. Noto Apenas que faltam aos nossos directores; mais calma e recursos para trabalhar.

— E a respeito das artistas?

A essa pergunta elle arregalou os olhos para responder em seguida:

— Nós podemos correr com os americanos porque a nossa turma é bôa mesmo!

— Das patricias que trabalham no Cinema qual a que mais o agrada?

Justino não vacilou, dando a impressão da sua resposta pela rapidez com que a proferiu:

— Pelas photographias a Gracia Morena!

E tecendo um hymno á mulher que ainda não viu mas que adivinha sublime:

— O nome della... é ella mesmo!...

JAIME DEL RIO MORREU

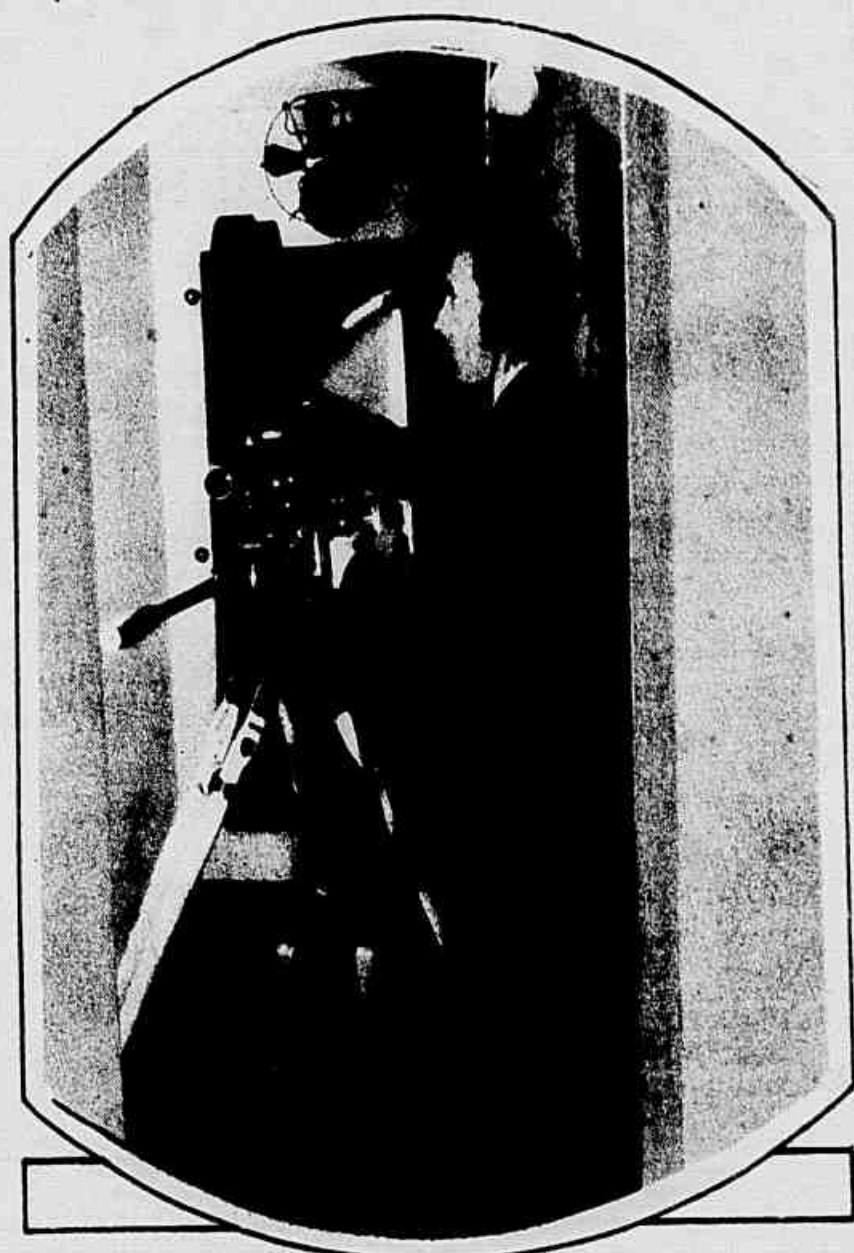
Acaba de bater a bota em Berlim, o esposo divorciado de Dolores Del Rio. Esta, ao receber a noticia soffreu um grande abalo que a prostou de cama, dizendo—Amei-o a todo o instante, perdi a luz da minha vida.

Dolores Asunsolo que é o seu nome de solteira, casou-se em 1921 e ha poucos mezes foi que instaurou o seu processo de divorcio.

※

Paul Fejos está retomando algumas scenas de "Euk the Great" de Conrad Veight para podder applicar a falla em tres linguas: Inglez, francez e allemão.

DE SÃO PAULO...

(De O. M., correspondente de "Cinearte")

A CAMERA TEM QUE FICAR FECHADA NUM QUARTO... E O CINEMA TAMBEM?

Eu sabia que o Serrador não proseguiria naquelles tremendos 4$000 e 5$000 nos preços das entradas. Sabia, porque, sempre, elle se mostrou homem intelligente. Ora, quando um homem tem sufficiente materia cinzenta, naturalmente, sem esforço, accode á razão de um bom alvitre. Não quero dizer que foi a minha hypothese que o levou a ceder. Nem que tenha sido a repulsa immediata do publico, tambem, contra tal exhorbitante preço. Mas uma cousa é certa: houve mudança de criterio.

E da fórma louvavel, intelligente e opportuna como foi feita, só merece elogios. E, a verdade é mesmo uma: — "Cinearte", verdadeiramente, dá o justo valôr e castiga o justo peccado. Aqui, portanto, antes de mais nada, os meus sinceros parabens. Se continuar, então, será, por certo, o super Cinema de todos, porque, além de fazer com que os concurrentes não elevem os seus preços, tambem obtem optimos lucros e magnifica clientela.

Por fallar nisso, aqui vae uma reclamaçãozinha contra o Alhambra. Muito a proposito! 4$000 para exhibir "O Galante Conquistador" de Ramon? Francamente... Mas pensem. Reflictam. A 3$000 vocês chamam gente. Porque o Cinema é commodo, lindo, agradavel. Mas a 4$000?... Ora, todos esperam que se exhiba o film na sala Azul, do Odeon, a 2$000...

E mais uma reclamaçãozinha, para ver se alivio o publico da massada de criterios errados.

Tenho conversado, propositalmente, com innumeras pessôas de minhas relações. Moços. Velhos. Crianças. Intelligentes. Burros. Inqueri, com insistencia, qual a opinião sobre os anões do Odeon, sobre a troupe de russos e sobre a girls (!) que ali estiveram, por ultimo. Não gostaram dos russos. Não gostaram dos anões. Detestaram as girls (!)... Muitos, mesmo, após a temporada de um desses numeros insipidos, não tem ido mais á sala Vermelha com medo de ameaças peores... E depois, Serrador, ainda vae teimar que são esses numeros que são o "clou" dos seus Cinemas?... Ora, exhiba dez "Super Homem" e não me ponha mais essa gente de picadeiro no finissimo palco que aquella téla intelligente illustra!!!

Um dos problemas que mais vem preoccupanuo os "fans", ultimamente, é o Cinema fallado. Um delles, que já a dias me escreveu, do Maranhão, perguntava qual a minha opinião sobre esse assumpto. Eu não posso formular uma opinião exacta sobre o assumpto. Não posso e nem devo. Primeiro, porque não "ouvi" ainda um film. Segundo, porque não sou technico em "talkies". Mas isso não impede considerações á respeito. E como esta semana está bem fraquinha de assumpto, aqui vão algumas linhas de commentarios.

O soffrimento, a alegria, as emoções todas da alma, em summa, mostradas pelo Cinema, são mais do que convincentes. Um primeiro plano de uns olhos que se enchem de lagrimas. Outro primeiro de um berço que aos poucos cessa de balouçar... Prompto. Todos comprehendem o detalhe. Todos attingem o poder da suggestão do silencio. Não é preciso que se ouça á voz da mãezinha, suffocada de soluços. E nem o ultimo gemido do entezinho que fenece. Tudo fica patente. E a suggestão é muito mais emotiva do que realização.

O Cinema fallado, na minha opinião, vem theatralizar o Cinema. E isto já não chega a ser um abuso. E' um ridiculo. E' andar para traz. Eu tenho visto innumeras photos de propaganda em revistas norte-americanas. Vê-se o operador encerrado numa cabine hermeticamente fechada para que se não ouça o ruido do giarar da manivella. Depois, além disso já basta para produzir a relativa inacção da camera, ainda tem o inconveniente de impedir angulos opportunos e artisticos. Collocações intelligentes e modernas.

O inconveniente da voz. Mesmo que se encontre o processo perfeito de se filmar para todos os paizes, ainda assim existirá o defeito da voz. As emoções amorosas. de Greta Garbo e John Gilbert, por exemplo. Não serão mais "sentidas". Serão "ouvidas". Gilbert, voz grossa, fallará. "oh! Oh! Mulher satanica! Mulher demoniaca! Serpente lasciva! Tu me tomaste o corpo e a alma! Agora sacia esta febre crepitante que me consome todo! Oh! Oh!" E ella respoderá com suspiros profundos e com gritinhos hystericos. E teremos theatro puro...

Já é retroceder! Depois, ainda que viesse a ser a cousa melhor do mundo. Mas agora é que elles estão começando. Aos poucos vão aperfeiçoando. E isto traz o que? A volta ao passado. Para experimentarem mil e um processos, precisam retroceder. E, aos poucos avançar de novo. E se elles desistissem disso, no emtanto, o que succederia? Apenas isto: — os processos já tão modernos dos films, mais aperfeiçoados ficariam e o Cinema continuaria, firme, a sua marcha gloriosa!

Vocês já ouviram radio perfeito? Já ouviram disco que reproduza fidelississimamente a voz humana? Pois vitaphone são discos. Movietone é som photographado no film e reproducção por meio de radio.

Mas, para juizos certos, perfeitos, é preciso conhecer, antes de mais nada, os apparelhos. E depois, então, ajuizar o certo.

Por emquanto eu só acho esses processos optimos para um fim: synchronização perfeita dos sons. E musica formidavelmente adaptada. Lembro-me que o Gonzaga, quando assistimos, juntos, "Cartas na Meza", disse-me: nesta scena, Evelyn, Bancroft, Kohler e Leslie Fenton, mudos. Os homens olhando avidamente Evelyn. E o barulho infernizante das machinas das das sondagens de petroleo... Que effeito colosso! Isso sim! Mas film todo fallado?... Acceito, mas com outra technica.

Agora aos films.

ALRAUNE (Programma Serrador) — Desses films que a censura córta para senhoritas e menores e que mais senhoritas e menores attráe ao Cinema... Thema, mesmo, para film allemão. Violento, carnal, brutal. O norte-americano, com um sophisma só de "Quarteto de Amor", põe por terra toda aquella malicia exposta deste film. Mas tem o valor da formidavel Brigitte Helm. Agora sim. Essa allemãzinha ainda vae para os Esados Unidos... E, tirando o arrastar monotono do film, até ao "climax", não é o que se, possa chamar de mão film. Mas aquelle Paul Wegener... O galã de Alice Terry, Ivan Petrovich, trabalha. E tambem o John Loder, que tem, agora, um contracto de 5 annos com a Paramount. Mas elle é inglez e já está na lista... Thema phantastico para mostrar Brigitte Helm em mais uma caracterização de "mulher do outro mundo"... Essa Brigitte ainda acaba sendo a consequencia de um ser humano extrahido de um Ford e uma Chevrolet, por um Paul Wegener ou um Rudolph Klein Rogge qualquer...

A DAMA ESCARLATE (The Scarlet Lady) — Columbia. Producção de 1928—Programma Matarazzo.

Producção ambiciosa da Columbia. Scenario de Beth Meredith. Direcção de Alan Crossland. Lya de Putti e Don Alvarado. Mas a malfadada revolução russa é o background. E vocês já sabem que se não é um plelbeu que se apaixona pela princeza, é um principe que o faz por uma plebéa... Esta é a vez do principe. Warner Oland, ainda por cima, é a ameaça. E o scenario, francamente, parece que Bess fez num dia de folga, na tarefa de escrever grandes obras...

Achei cacete. Vulgar e corriqueiro. Lya de Putti é a desordeira que acaba apaixonada pelo Don Alvarado. Vocês podem ver, mas francamente, eu acho melhor esperarem "Docks of New York"...

O SUPER HOMEM (The Drag Net) — Paramount. Producção de 1928.

George Bancroft é um actor assombroso. Tem "it" da cabeça aos pés. E Von Sternberg é um director colosso. Agora ainda tem a fascinação perigosa de Evelyn Brent, o cynismo alinhado do William Powell, a brutalidade selvagem do Fred Kohler, a suavidade do Leslie Fenton e a calma do Francis Mac Donald. Isto tudo misturado com a continuidade de Charles e Jules Furthman, só não sahiu melhor do que "Paixão e Sangue", por causa da irrealidade de certos pontos da historia. Mas, assim mesmo, é film que agente póde assistir sem susto. Forte, impregnado de suspensão. Arrasta a attenção da gente durante todo o seu desenrallar. Acho que se vocês perderem devem confessar o peccado incontinenti...

A MULHER DO RIO (The River Woman) — Gotham. Producção de 1928. — Programma E D C.

Depois de um film de Bancrott... Enfim!

Mas este é cacête. Cousa que tão facilmente se resolveria... Todos devem ajuntar dinheiro quando se exhibir um film assim e mandarem ás fabricas "independentes" para apressar o casamento da heroina com o galã e salvar a nossa paciencia de ficar tão longos minutos esperando isso mesmo... Se Jacqueline Logan tivesse feito isso com o Charles Delaney, logo no principio...

Chove mais neste film do que em "Seducção do Peccado". Será influencia de Lionel Barrymore? Mas não me consta que seja "manda-chuva"...

E, como aquelle sujeito que entra no quarto de Jacqueline, ha trechos que não tem explicação e que deixam a gente pensando que o Joseph Hennaberry anda procurando um geitinho de poder imitar o Lynnh Reynolds...

Este film só se fôr para fazer uma aposta mais ou menos assim: "vamos apostar quem atura mais tempo "A Mulher do Rio"? O que ganha, acaba com o Lionel Barrymore sahindo do film e dizendo á elle que o São Bento não é albergue nocturno...

Até parece film inglez...

A semana foi só isto. Ainda me falta ver o Buster Keaton. Commentarei a semana proxima. E não vou dar 4$000 para ver o Novarro no Alhambra. Isso é que não!

N. da R: — Seguem-se agora algumas criticas que a falta de espaço não deixou sahir em numeros passados.

QUANDO AS ESTRELLAS BRILHAM (Sally of the Scandals) — F. B. O. — Producção de 1928. — Matarazzo.

Voltou o Matarazzo para as Reunidas. Este film é chapa. A corista de valor. Salva um espectaculo só porque dansa um black bottom... Soffre o odio da estrella da companhia. E' acoimada de ladra. Mas ella é direitinha. Sériazinha. E tem uma irmãzinha aleijadinha, que precisa de uma operaçãozinha na perninha, pobrezinha... E ella se casa com o emprezario depois de verificar que o seu noivo era um refinado ladrão. E se isto é original ou tem alguma novidade...

Lynn Shores dirigiu soffrivelmente. Mas eu acho que Bessie Love já está em tempo de ir desistindo. Ou então fazendo cousa para a sua personalidade actual: irmãs infelizes. Namoradas de Mathew Bettz.

Ella está bem velhinha para ser interessante. Coitada. E' bôa artista, é verdade. Mas está muito sem "it". E não sei porque é que a F. B. O. não dá papeis assim á Sharon Lynn ou Martha Sleeper...

Ora o Allan Forrest... que vá plantar batatas! E o Jerry Miley tambem. Este sujeito é daquelles que a gente não sabe porque ainda é escolhido para qualquer papel! Simplesmente infame.

Margaret Quimby apparece. Linda, como sempre. Ella é que deveria ser a estrella do film. Se o fan se metter, mesmo, com este film, perderá por nockout: dormirá!

A FILHA DO CZAR (Clothes make the Woman) — Tiffany Stahl — Programma Serrador. Producção de 1928.

Nem sei como é que Tom Terriss conseguio fazer um film assim razoavel. Elle que o fundo dos fundos! Emfim... E' forjado em "A Ultima Ordem", de Jannings. E já estou vendo quantas dezenas de outros virão. E' mesmo por isso que a Rayart, a Chesterfield, a Excellent, a Peerless e outras congeneres existem... Mas Eve Southern tem umas pestanas... Que mulher "exotic"!... Vocês vão gostar. Nem se lembrem que o Walter Pidgeon trabalha... E' um film agradavel e apresenta aspectos de filmagem, que, realmente, interessam bastante. Gostei.

FORÇA QUE SEDUZ (The Matting Call) — Paramount. Film da Caddo Company. Producção de 1928.

Sob o seu novo contracto, com a Caddo, distribuição da Paramount, Thomaz Meighan já fez dois films. Este e "The Racket". Aliás este foi o segundo. Mas o facto é que eu achei este film bem bom. Tem um thema interessante e que nem parece de Rex Beach. Tem Evelyn Brent... E tem Renée Adorée. Thomas... Ora vamos fallar nas "bowas"! Quando eu vi Evelyn tentando Thomas, eu fiquei nervoso e já começei a pensar o que a coitada da Renée Adorée vinha fazer ali. Mas Renée veio. No fim do film eu já nem me lembrava da Evelyn Brent...

Vocês devem ver este film. Eu sei que muita gente acha que eu gosto de films ás vezes por causa de uma scena com "it". Mas não importa. E' o meu temperamento. E, neste particular, este film tem "it" demais... Esse James Cruze é um bicho!... Depois aquella complicação da Klu-Klux-Klan dá effeito ao film e está tudo razoavel, bem feito. Não é super-formidavel. Mas é bom film. Ha scenas neste film que a gente só sente não ser com camara-lenta...

MAES MODERNAS (Modern Mothers)— Columbia. Producção de 1928. — Programma Matarazzo.

Bello thema! Uma grande actriz; tem uma filha; mas a filha não sabe que ella é sua mãe; e ambas apaixonam-se pelo mesmo homem. Afinal, a mãe, naturalmente cede o jogar á filha. Bello thema! Mas isto para alguem da Paramount, Metro Goldwyn ou United Artists. Mas para a Columbia? Para o Phil Rosen? Para Helene Chadwick? Ora bólas! Eu já não toléro mais Helene Chadwick! E a Columbia parece que anda com a tarrafa pegando todos esses peixes velhos e decrépitos que escapam das malhas das redes das grandes fabricas!

Com effeito! E' um film monotono, insipido, cacête! Nem um theatro a Columbia tem? Afinal a actriz só representa fóra dos bastidores e recebe muitas flores no seu camarim. Douglas Fairbanks Jr. é o tal que as duas querem. Não está bom. Se vocês gostarem deste film... vocês morrem quando verem "Vento e Areia"!

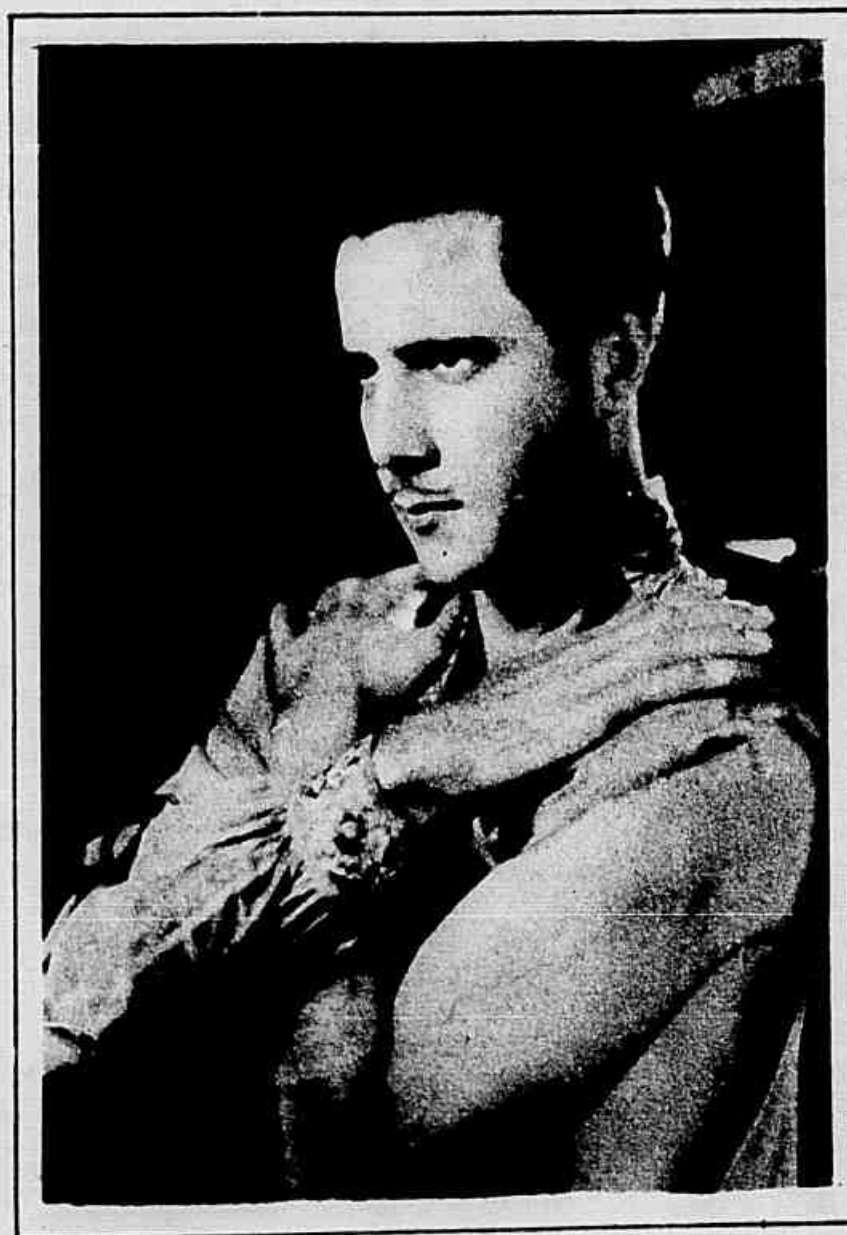
QUANDO O DESTINO CASTIGA (The Crismson City) — Warners. Programma Matarazzo. — Producção de 1927.

Myrna Loy... Você vale dois milhões! Mas chinezada... Eu já ando com chinez que não posso mais olhar!!! Emfim... Archie L. Mayo é um bom director. Fez um film razoavel. Vocês passam o tempo sem se aborrecer. Isso eu garanto. tem suspensão, tem vida. Pena é que se passe na China. Que gente feia! Será necessario dizer que Kamiyama Sojin e Ann May Wong apparecem? Creio que não. Mathew Bettz é o bad. John Miljean o galã. Não vae mal. E Leyla Hyams apparece... Lindinha!

JARDIM DO EDEN (The Gardennof Eden) — U A C. Producção de 1927.

O primeiro e unico film de Corinne Griffith para a United Artists. Mas é bem bom. Tem scenario agradavel de Hans Kraly e direcção magnifica de Lewis Milsstone. Tem comedia, leves scenas dramaticas, bom elemento amoroso e sophisma em penca. Magnifico passatempo! Depois Charles Ray tambem está bom e o film tem montagens de grande luxo. Ninguem deixará de apreciar este film. Vale a pena. Tem uns idyllios muito delicados... Muito bonitos... Vocês vão gostar de Louise Dresser tambem. Lowell Sherman... Nem super e nem colosso. Bom film. Merece ser visto.

O. M.

DON ALVARADO EM "THE SCARLET LADY".

OS COMICOS MACAMBUZIOS

"Um individuo de aspecto melancolico é o companheiro mais insipido do mundo; mas sem elle, que iriamos fazer para rir?"

Esta sensata observação é de Karl Dane, a macambuzia e enorme metade da dupla Dane e Arthur.

Ambos estão preparando sob a direcção de Alf Goulding, uma nova versão de forças combinadas respectivamente com a sua graça e sombria gravidade, e com sua grande disparidade de estatura.

"Um individuo tétrico é sempre comico" affirma Dane, "Se elle é espancado ou escorrega numa casca de banana, ou se cáe de um caminhão, em tudo, sempre ha o seu aspecto comico. Se isto occorrer com uma pessôa alegre, de bom humor, os espectadores hão de ficar penalisados e não acharão graça alguma, porque nunca achamos graça quando vemos soffrer a uma pessôa que queremos bem. Por esta razão um individuo de physionomia melancalica sempre dá um bom artista comico, dispondo sempre de uma resistencia para aguentar tudo o que soffre em taes circumstancias".

A este respeito Dane acha que em geral, o publico sempre está predisposto na sua malicia. Diz elle que a base de toda a diversão é o facto de succeder algo de penoso ou desagradavel a outrem, sem comtudo chegar-se aos extremos do soffrimento, e com a combinação de ser "victima" o vilão da peça.

"A platéa teria pena de John Gilbert si elle comesse alguma cousa indigesta", diz Dane. "Mas si acontecesse isto commigo morriam todos de riso ao verem-me torcer o gritar em colicas, e até mesmo morrendo. E se isto de facto acontecesse, não estou muito certo de que a minha morte seria causa para muitas lagrimas".

"Para produzir hilariedade na téla, a fórma mais simples é ter um aspecto lugubre. A apparencia desolada de Buster Keaton é seu maior predicado. Mas como elle não é tão grande como eu, precisa variar um pouco a sua maneira de actuar. Elle torna-se sympathico pela sua interpretação muito natural, e logo faz rir com as suas diabruras. Os espectadores divertem-se muito com as arteirices de Keaton, assim como riem-se quando o seu cão favorito, se põe em frente a um espelho e quer morder-se a si proprio.

"Si Buster sahisse apanhando, não achariam graça. Isso é porque elle não parece muito forte para poder resistir. Mas, quando um individuo é grande como eu, a unica cousa que tem a fazer é receber pancada. Arthur e eu, trabalhando juntos formamos um verdadeiro contraste: um muito grande e o outro muito pequeno, um com feição alegre e outro com ar macambuzio O publico sympathisa com elle e regozija-se com os meus azares, sómente porque o meu companheiro é bastante esperto para me passar a perna e escapar a minha vingança

"Entretanto, o que o actor comico necessita fazer é crear uma especie de inimizade inconsciente na platéa como se tratasse de um ladrão. Apenas no caso do comico, a melhor scria não ir aos extremos na fórma de irritação: os espectadores poderiam perder a paciencia ante o seu aspecto lugubre. Demais é tambem necessario perseguir a alguem que goze das sympathias do publico, mas sendo sempre bastante estupido para que suas acções recahiam sobre a sua propria cabeça... ou em qualquer outra parte do seu corpo onde o effeito resulte mais comico

Dane ainda que lugubre e melancolico na téla, é completamente differente na sua vida privada Se elle não tivesse esse espirito alegre que faz enganar-se de sua propria apparencia e assim como de suas maneiras, seria muito infeliz, porque obteria seus exitos na téla precisamente a força de azares e contratempos. Elle não conta com a sympathia de ninguem nos seus films. E na verdade se o contrario acontecesse, o seu contracto estaria perdido...

GEORGE BANCROFT FALA DO SEU TRABALHO

Pois George Bancroft é assim. Elle secca do palco e da téla as suas realizações — realizações, sem duvida, egualmente dignas de nota — e vol-as põe sob os olhos com aquelle ar de ingenuo orgulho. Diz a jornalista americana que o entrevistou:

"Tenho sido um grande homem na minha profissão, diz elle. Sou actualmente um grande homem, mas serei muito maior ainda!"

Não ha nada a objectar-se a essas affirmações, que são proferidas assim como um menino que nos informa ser capaz de um policial. E a amavel jactancia de George tem o mérito de ser absolutamente justificavel.

E o motivo que o fiz assim proceder, parece, é menos o desejo de impressionar-nos com a sua importancia do que a ancia de se fazer estimado. Ninguem imagina o que é no espirito de Bancroft a ancia de fazer amigos, attributo este que, quando se considera a apparencia physica e os papeis que elle interpreta na téla, constitue o mais estranho paradoxo. Porque George é uma dessas creaturas que, de certo modo, parecem ter vindo ao mundo com um corpo que não lhes pertencia. Physicamente, elle é a personificação da força taurina, rude, quasi sinistra. Com uma simples contracção dos sobrolhos, George consegue dar ao seu rosto uma curiosa expressão de ferocidade.

Na realidade, o que elle é, é uma creança corpulenta, de cabellos ruivos e bom genio. E' um gosto ouvil-o, quando elle conversa, a exprimir-se vagamente, por metaphoras que jámais chegam a uma conclusão, embora tenha sempre o seu discurso um começo muito elaborado.

Perguntando-lhe si alguns dos seus recentes papeis o haviam agradado tanto como o de sua interpretação em "Paixão e Sangue", que lhe valeu o "stardom"

"Um film, disse elle, sorvendo um grande trago de ar e curvando-se para a frente impressionantemente, é como esta mesa".

(Nós almoçavamos no seu camarim).

"Toma-se isso", continuou elle, apanhando o frasquinho da pimenta, "e isso"... um copo de chá gelado, "e isso..."

Fez uma pausa, observando cuidadosamente antes de continuar a colheta de varios outros appetrechos do serviço de mesa que depoz sobre o assoalho.

"E que depois disso, que é o que resta? perguntou elle.

"Dois pratos de salada, uma saleira e..." comecei eu um tanto espantada mas anciosa por cooperar para o bom exito da historia que elle visava com todos aquelles passes.

"Exactamente: exclamou o meu interlocutor. Pois é isso mesmo. Praticamente nada. Agora, que especie de film é este?"

Confessei-me incapaz de saber dizel-o.

"Certamente que não poderá".

Uff! henti um grande allivio, verificando que acertára com a resposta.

"Elles afinam a cousa, afinam até tornal-a transparente, continuou George a sua explanação até que positivamente se veja do outro lado.

"Mas o publico não póde vêr!" suspirou elle, com a convicção de que realmente o publico não podia vêr. E depois, mudando de tom, disse ex-abrupto:

"Quanto á questão de interpretar papeis de papeis de apaixonados romanticos, que significa isso?

Quando me vêdes no genero de papeis que geralmente faço — dizeis logo comnosco que nunca poderieis gostar de mim. Nunca!

"E, entretanto, sois méra moça de sociedade. Bella. Não, bella não, apressou-se elle em corrigir, mas interessante. (Isso foi dito mais rapido ainda). Culta, requintada, elegante", continuou como quem devaneia.

Começava a sentir-me positivamente lisongeada. Mas verifiquei que elle não se referia a mim, e sim a uma "leading lady" qualquer.

"Vêdes-me, repetiu elle. Não pertenço ao vosso mundo. Sou um João ninguem, um chefe de malta, talvez, ou cousa que o valha. Asqueroso, medonho.

"Mas ao me contemplardes, subito passa-se qualquer cousa. Uma scentelha! Verificaes — ou sentis — que ha em mim qualquer cousa que vos interessa. Uma possibilidade. E dizeis: — "Oh eu gostaria muito de conhecer esse homem!"

"Desejaes saber qual será essa qualidade que adivinhaes em mim e que vos interessa.

"Assim — sendo mulher, e como todas as mulheres possuem o instincto da maternidade — vindo a mim. E o que ha de maternal em nós impelle-vos para mim.

Quereis conhecer o homem que se occulta sob tão feia mascara... e desabrocha assim o grande

(Termina no fim do numero)

"Paraiso Imaginario"

(THE SAWDUST PARADISE)

Film da Paramount com Esther Ralston, Reed Howes, Habart Bosworth, Mary Alden e Alan Roscoe

Todo o paraiso, imaginario ou real, deve ter a sua serpente. No Eden primitivo, lá estava ella, a serpente, ainda que como um symbolo, a destruir malignamente a felicidade dos primeiros sêres humanos. E neste "paraiso imaginario", onde, como a Eva de outr'ora, a nossa linda Gloria gozava das delicias de uma felicidade passageira, apparece tambem uma serpente maligna, destruidora das illusões da vida...

Apparece na pessoa de um trahidor, dizendo á despreoccupada bailarina de uma companhia ambulante que dava espectaculos pelo interior do paiz:

— Gloria, aquelle pelintra do Alfred não serve para nada! Aproveita a vida commigo, menina, que sou dono da companhia! Se te deres ás boas commigo, poderemos ser felizes — e até acabarmos casadinhos, e tu serás dona de tudo que tenho!

Assim dizia "Biff" Ward, no camarim de Gloria, querendo que ella esquecesse Alfred, um dos rapazes do grupo ambulante, com quem estava noiva, para entregar-se a elle, Ward, um sujeito estrompa, feião, cujo unico titulo menos suspeito era o de ser dono da companhia.

Gloria, porém, não era pequena para se deixar levar por poucas palavras, e dando um muchôcho desdenhoso, disse com enfaro:

— E'... talvez!...

Aquella recusa, assim, tão secca, deixara em caminho a intençao de Ward, não sem que, intimamente, jurasse elle vingar-se na primeira occasião que se lhe apresentasse.

O circo ou companhia ambulante da qual faziam parte Gloria, Alfred e muitos outros pequenos artistas do grupo, fazia algum tempo que estava installado na localidade, sendo as suas funcções bastante concorridas pela gente do logar e da visinhança. Entre outros grupos ambulantes, de tendas assentadas no grande pateo da feira alegre, havia tambem um tabernaculo evangelista cujo

pastor, o Rev. Isasias Morgan, luctava com grande difficuldade para attrahir ás suas pregações os fieis que andavam desgarrados pelas barracas de exhibição, principalmente na que trabalhava Gloria, que era a que mais gente attrahia.

O proprio Rev. Morgan, entrando um dia, disfarçadamente, entre o povo, teve occasião de ver de perto o espectaculo que estava offerecendo ao publico a companhia, notando tambem os jogos de azar que se formavam depois do espectaculo. Para elle aquillo era um antro de perdição e Gloria, a mais bella e popular das muitas raparigas do grupo, ficou logo marcada como sendo o elemento máo da funcção.

De volta, no tabernaculo, discutia o Rev. Isaias com seus amigos da missão as medidas que deviam tomar. Uns queriam redobrar de esforço, levar a pregação até a porta da barraca e converter o povo á força da logica christã; outros, porém, achavam que a cousa tinha uma outra solução: era levar o caso ao conhecimento da policia, e uma vez presa a pequena, fechado o cir-

(*Termina no fim do numero*)

LADY CORINNE GRIFFITH...

Fala uma jornalista americana:

Fico muitas vezes a pensar si as famosas esmaga-corações da historia não passariam despercebidas entre as extras de Hollywood, e si não seria tão facil á generalidade das nossas "coquettes" da téla provocar o naufragio daquelles navios que foram para o fundo dos mares, graças ás artes de Helena, a celebre vencedora do concurso de belleza de Troya. Sem duvida, os retratos de algumas daquellas ardorosas matronas que tornam a historia deliciosamente "shocking", não mereceriam a attenção do segundo ajudante director do departamento de elencos de um Studio. A minha opinião é que naquelles tempos em que não se conheciam ainda os gabinetes das manicuras, qualquer mulher de apparencia attrahente era logo proclamada belleza e, como tal, com poder bastante para provocar guerras e revoluções.

Tomemos por exemplo, Emma-Lady Hamilton. O destino á fizera nascer filha de um cozinheiro, mas a sua belleza tornou-a esposa de um embaixador, confidente e alma gemea de uma rainha e o santelmo de do amor do maior heroe naval da Inglaterra. Ella foi intelligente bastante para fazer que o seu retratista — o pintor Romney — se apaixonasse por ella e se servisse de pinceis lisonjeiros para gravar na téla imagens suas, que testemunhassem os seus encantos para a posteridade; mas apezar de toda a lenda de graça que acompanha o seu nome, Corinne Griffith, que a revive aos nossos olhos, no film "The Divine Lady", teria certamente provocado maiores perturbações si vivesse no tempo de Emma.

A sorte não foi benevolente para com Corinne Griffith, como aconteceu para com Gloria Swanson e Billie Dove, fazendo-as viver numa época e numa cidade em que a belleza feminina tornou-se cousa corriqueira.

Lady Hamilton no seu tempo foi alvo de todos os epithetos. Os seus inimigos — na maioria mulheres, já se vê — escarneciam della, encontrando-lhe um sem numero de defeitos — mal educada, falava alto, pelle de pouca alvura, compleição abrutalhada. Quanto ao trajar, "ella tinha muito gosto", observa uma, "mas muito gosto máo". A unica coisa que não lhe chamavam era respeitavel. Ora, coube a um productor de films, seculos mais tarde, fazer de Emma uma mulher honesta. O primeiro passo para tal foi entregar a Corinne Griffith a tarefa de incarnal-a — Corinne a de olhos sciemadores, a personificação da fineza e da espiritualidade.

"A unica cousa que desejo, murmurava o heroe de Trafalgar, agonisante, estendido sobre o tombadilho ensanguentado do navio capitanea, "é que o mundo tenha para minha Emma sentimentos de caridade, de comprehensão e piedade".

Si Lord Nelson lá do mysterioso além pudesse vêr o retrato da sua Emma, a sua Divina Lady na téla, verificaria que a First National respeitou os seus desejos.

Através de toda a sua existencia Emma conservou sempre os traços da sua baixa origem. As suas maneiras de alta dama desvaneciam-se nos momentos de excitação e revelavam-na tal qual ella era — a humilde filha de um cozinheiro, a despeito das suas rutilantes joias e magnificentes vestidos bordados a ouro. Por outro lado, Corinne Griffith não sabe ser vulgar, mesmo que o queira.

A MORTE DE NELSON, SEGUNDO O QUADRO DE DEVIS, SCENA DO FILM "THE DIVINE LADY"...

A sua unica tentativa de má conducta em "The Divine Lady" é uma picardia ao cocheiro e um beijo no "groom".

A bella mas fragil Emma possuia outras qualidades que a tornariam inadaptavel a uma perfeita heroina de um film. Uma dessas fraquezas era o seu habito de ter filhos illegitimos, como acontecia naturalmente de vez em quando, embora arranjasse ella meios de occultar alguns delles ao seu proprio marido, Sir William Hamilton. Ora, os censores cinematographico soppõem objecções a quem se refira que alguem teve filhos quaesquer que sejam, e muito particularmente a filhos illegitimos. Nessas condições as pequenas Emma e Horacia não foram incluidas entre os personagens de "The Divine Lady".

"Não sou daquellas que se prestam a homem", exclama Lady Hamilton, na téla; mas

na vida real, verdade nua e crua é que ella foi justamente isso. Nascida na classe dos servos, de uma belleza superior á sua condição, ella foi desde os seus mais verdes annos de rapariga, uma presa predestinada aos desejos dos homens e numero dos amantes que teve Emma Hart antes de se tornar a amante do elegante Greville e de começar a sua carreira gloriosa. Mas certamente não era Greville o primeiro, como o film poderia nos levar a crêr. E quando nos mostra Sir William a propôr casamento á filha do seu cozinheiro, o discreto director não necessario informar-nos que antes disso ella já participára do seu leito ha quatro anno sem as vantagens de uma alliança no dedo.

"Nós não procuramos lavar a reputação de Lady Hamilton", protesta o Studio: "o que fazemos é simplesmente deixar de fóra alguns detalhes da Historia. Não refutamos os seus filhos, seus amantes nem as suas infidelidades. Limitamos a não mencional-os".

Mas sem os seus filhos clandestinos, seus amantes e as suas indulgencias com as formulas debaixo das escadas, Lady Hamilton não é a mulher cujas possibilidades o displicente Greville descobriu, a mulher de que o embaixador seu tio fez esposa: a mulher que aprisionou o coração simples e cavalheiresco do heroe do Nilo. O drama da Santa Emma de Nelson está no facto de que, a despeito dos seus filhos clandestinos, a despeito do seu nascimento vulgar, aquella creatura era de belleza tão notavel, de vontade tão energica, de tão aguda intelligencia, que pôde realizar grandes acções pelo seu paiz e conquistar um amor que ficaria para sempre como a maior dedicação de todos os tempos, um amor tem o seu logar no lodo de Leandro pela sua Hero, de Abelardo pela sua Heloisa.

Uma tal mulher faz a historia. Mulher como essa não apparece sinão uma vez em seculos. Uma tal mulher, entretanto, difficilmente se presta para heroina de um film.

A Emma Hamilton de "The Divine Lady", é antes uma pobre alma, cujos olhos vivem de continuo molhados de prantos (e Corinne é um amor quando em lagrimas) e impellida sempre pelos mais nobres impulsos. E para que essa nobreza mais resalte, arranja-se a cousa de maneira a tornar-se desculpavel mesmo o que ha evidentemente de censuravel na sua conducta. Greville é apresentado como o seductor de uma innocente rapariga. Foi William Hamilton, o marido, recebe a interpretação de um velho decrepito — embora mal passasse dos cincoenta annos quando a fez sua

(Termina no fim do numero).

FORÇA

(THE MATING CALL)

Leslie Hatten .... Thomas Meighan
Rose .... Evelyn Brent
Catharina .... Renée Adorée
Lon Henderson .... Alan Roscoe

— Para a casa de Rose!

— Acho que em primeiro logar deves ir para tua casa!

— Ah, queres fazer-me uma surpresa!

— Não posso contar-te aqui o que aconteceu a Rose!

— O que foi?

— Os paes della annullaram teu casamento! Rose era de menor idade e tu casaste com ella sem consentimento delles.

— Mas agora ella já attingiu a maioridade e ninguem pode separar-nos!

— Infelizmente... ella casou-se depois com Lon Henderson! Como sabes, elle é riquissimo!

— Que infelicidade! Rose casou-se com esse homem?

— Coragem, Leslie, bem sei que este golpe vae ferir-te profundamente no coração, mas tens que resignar-te!

Passaram-se semanas durante as quaes Leslie dedicou-se exclusivamente aos seus trabalhos de agricultura.

Entretanto, Rose e o marido regressaram da Europa, e Leslie, ao entrar em sua casa depois do seu trabalho diario, deparou com Rose sentada na saleta de sua humilde habitação.

— Rose, tu aqui, perguntou-lhe elle friamente?

— Disseram-me que você passa a vida como um eremita e eu vim ver se isso é verdade?

— Por que não veio com seu marido?

— Prefiro vel-o pelas... costas! O amor é uma doença incuravel e elle anda apaixonado por... outra! Para bilontra... bilontra e meio!

Na cidade de Evergreen, o agricultor Leslie Hatten, antes de partir para a guerra, gostava muito de uma moça chamada Rose, mas como era pobre, ella não lhe dava trela.

Logo nos primeiros combates, Leslie salientou-se pela sua valentia nos campos de batalha e foi promovido a Major obtendo ao mesmo tempo tres mezes de licença.

De volta ao paiz de seu berço foi recebido como um heróe, e Rose, mostrou então, com doces olhares e meigos sorrisos, que não era indifferente ás pretenções de Leslie.

Chamado com urgencia para regressar para as fileiras de seu regimento, seu casamento com Rose realisou-se ás préssas, e Leslie partiu assim que a cerimonia matrimonial terminou.

Durante dois annos Leslie combateu pela patria e assignado o armisticio, foi um dos primeiros a voltar para Evergreen.

— Julguei que Rose estivesse aqui para me receber, disse Leslie a Marvin assim que o vapor atracou no cáes.

— Por que não me telegraphou avisando-me de sua chegada?

— Meu telegramma, provavelmente extraviou-se!

Leslie, aqui está meu carro. Para onde queres ir?

QUE SEDUZ

Film da Paramount, direcção de J. Cruze

Marvin .... Gardner James
Jessie .... Helen Foster
O Juiz Peebles .... Luke Cosgrave
Richard Anders .... Cyril Chadwick

— Rose, fizeste mal em vir aqui! Sáe desta casa neste mesmo instante para nunca mais voltares!

— Estás com medo da Sociedade dos Vigilantes?

— Não! Todos nós somos susceptiveis dos mesmos direitos!

— Estás com medo de meu marido?

— Não Estou acostumado a tratar os outros como meus... iguaes!

— Estás com medo de mim?

— Não! Mas estou vexado e este vexame póde transformar-se em vergonha!

— Se não tens medo de ninguem, vou desafiar-te! Não és capaz de me expulsar de tua casa depois de me dares um beijo!

— Não! tens um "não sei quê..." que me deixa "não sei como!" Hei de voltar! Adeus!

Rose sahiu apressadamente e foi para sua casa, mas ao entrar ouviu a voz do marido que estava falando pelo telephone. Pela conversa ella percebeu immediatamente que o marido tinha uma amante que se chamava Jessie, a qual, era solteira, e uma de suas melhores amigas.

Rose entrou na sala e o marido perguntou-lhe:

— Onde estavas?

— Fui passear e encontrei-me com o Major Leslie Hatten que me deu a entender que o amor é um eterno romance.

— Se algum dia te encontrar na companhia desse Major, mandarei expulsal-o desta cidade!

— Estás falando por ti ou em nome da Sociedade dos Vigilantes?

—Em nome de ambos! Nossa Sociedade tem por obrigação zelar pela completa felicidade das senhoras e senhoritas que aqui residem!

— Tua sociedade tambem castiga os socios de máo comportamento?

— Certamente! O regulamento é igual para todos!

— Magnifico! Assim não pagam os justos pelos peccadores!

Visivelmente contrariado, Lon Henderson retirou-se, e Rose foi immediatamente para casa de Leslie.

— Só vim aqui para dizer-lhe adeus!

— Mas você prometteu deixar-me em paz, redarguiu Leslie.

— Por favor, deixe-me fumar um ultimo cigaro em sua companhia. Communico-lhe que vou divorciar-me! Meu marido passa os dias "escrevendo, telephonando e telegraphando" a varias mulheres!

Neste momento entrou Lon Henderson e furioso disse a Leslie:

— Vim buscar minha esposa!

— Grande presumido, exclama Rose! Estou simplesmente imitando tuas mil loucuras de amor!

— Achei tua carta em cima da mesa, mas nunca julguei que tivesse coragem de vir para esta casa.

(Termina no fim do numero)

O Galã de Lia Torá...

Paul Vicenti depois de escolhido para galã de Lia Torá em "The Veiled Lady", angariou enorme popularidade, entre nós.

Assim, vamos aqui dizer algumas palavras sobre este novo artista que em breve vae se tornar muito querido no Brasil. Ha muito tempo que elle se acha em Hollywood, mas o seu mal no principio foi dizer que era muito parecido com Valentino e vinha substituil-o. Na Europa, já tinha mesmo tirado algumas photographias com trajes e fantasias de alguns personagens mais populares do inesquecivel Rudolph.

Vilma Banky que o conhecia muito bem, falou dessa sua pretensão, dizendo que mesmo no typo do seu Sheik amoroso nem elle e nem ninguem poderia imitar e que a verdadeira belleza de Rudolph, a belleza do seu caracter e do seu temperamento era cousa que nenhum outro homem possuia.

Não é que Vilma estivesse apaixonada, depois daquelles beijos quentes que lhe déra Valentino no "Aguia", mas ella o tinha conhecido na intimidade, tinha compartilhado da sua camaradagem e sabia dos seus pensamentos...

E por isso, Vilma, indignada, não permitte que ninguem se lembre em dizer que se parece a primeira vista, olhando de um quinto andar, com o saudoso toureiro de "Sangue e Areia" que amava Lila Lee e estava preso a Nita Naldi...

O verdadeiro nome de Paul Vicenti é Tibor Mindzenthy.

Este nome, não era photogenico e dahi a troca.

Madame Sari Fedak foi a sua descobridora e tem sido a sua protectora.

Diz ella que um dia se achava num bote a passear no rio Danubio, quando o viu a remar. Paul Vicenti pertence a aristocracia hungara...

Pertenceu a um famoso regimento de Huzards na Hungria, e serviu algum tempo no corpo diplomatico. Sua mãe é condessa polaca e seu pae aristocrata. Madame Fedak, dada as possibilidades de introduzir-lhe no Cinema, trouxe-o por sua conta aos Estados Unidos, onde os jornaes deram-o como o provavel substituto do Valentino. Já se apresentou no palco na peça "Antonia", versão hungara de Melchior Lengyel. Fedak é uma famosa actriz de comedias musicadas, na Europa Central, e depois de apresentar-lhe no palco, observou que seu pupillo tinha maiores possibilidades e qualidades para o Cinema...

Madame Fedak conseguiu o interesse dos directores da First National, e o resultado foi a assignatura de longo contracto.

Paul é o terceiro hungaro que ingressa nas filieiras da First National em tres mezes. Os outros foram Alexander Korda e Maria Corda.

Paul Vincenti já trabalhou com Billie Dove em "Quando o coração quer".

A entrada de Greta Garbo para o Cinema foi a coincidencia de um tombo que ella levou sobre os arames de um scenario na Suecia, attrahindo a attenção do director Mauritz Stiller. Ella é muito socegada, despresa os boatos e não é geniosa.

Tim McCoy é uma autoridade nos indios americanos. Apesar das suas maneiras sempre rudes no Cinema, é um perfeito cavalheiro na sociedade. Tim foi adoptado como membro da Tribu dos Indios Arapahoe, e baptisado por elles com o nome de Nee-hee-cha-quith (A Grande Aguia). Elle é official do exercito americano.

John Gilbert foi um artista no Oeste. Tem escripto scenas e foi um fracasso como director: elle deseja fazer uma historia de guerra tomando por base o assumpto allemão.

William Haines foi um vendedor de acções (e não foi muito activo) antes de entrar para o Cinema. Elle prefere as morenas. Na sua vida particular elle é considerado o maior pandego de Hollywood.

Norma Shearer é casada com Irving Thalberg, um joven de vinte e cinco annos e já está com o encargo das producções da Metro-Goldwyn-Mayer. Norma é uma das melhores nadadoras e mergulhadoras de Hollywood.

CORISTAS SEDUCTORAS

(PHYLLIS OF THE FOLLIES)—*FILM DA UNIVERSAL com Alice Day, Matt Moore, Edmund Burns, Lilyan Tashman e Duane Thompson.*

Apesar de ser celibatario e millionario, a mania de Clyde Thomson de andar namorando coristas e "girls" na America do Norte, dirigindo-lhes cartas cheias de promessas que não tencionava cumprir, sahia-lhe carissima, devido á legislação em vigor naquelle paiz. Por muito habil que fosse, Decker, o seu advogado nestas questões, as provas da sua culpabilidade eram tantas, que era humanamente impossivel obter ganho de causa. Começa a nossa historia justamente com mais uma sentença pela qual Clyde foi condemnado a pagar uma indemnisação de cincoenta mil dollares a uma "girl" realmente tentadora, de nome Mabel, que o accusava de ter feito um capacho do coraçãosinho amoroso que lhe puzera aos pés.

Liquidada a questão, com a assignatura do cheque pela quantia a que fôra condemnado, Clyde censurava Decker da sua incapacidade como advogado, retorquindo-lhe este que: "seria melhor que d'ora em deante elle fizesse as suas côrtes a senhoras casadas, porque os maridos quando viessem a saber, davam-lhe um tiro e assim lhe sahiria mais barato do que andar fazendo fosquinhas á coristas solteiras". Clyde perguntou-lhe então o que elle sabia a respeito das seducções das coristas para falar desta maneira? Ao que Decker respondeu que se casára com uma. Clyde, a vista disto queria ser apresentado a Madame Decker, mas o advogado, não estando pelos autos, disse que havia quinze annos que era casado e que sua mulher e filhos estavam na California. E retirou-se para tratar dos seus negocios. Acabava de sahir, quando tilintou o telephone, que foi attendido por Clyde. Era uma voz gracil de moça ainda nova, que perguntou: "Como te sahiste meu bem?" e que provocou o seguinte dialogo:

— Custou-me apenas cincoenta mil dollares. Mas quem é a minha gentil interlocutora?

— Sou a esposa do advogado Decker e o distincto cavalheiro quem é?

— Sou a pobre victima!

— Permitta-me então que o convide para jantar comnosco hoje? Dar-nos-ia muito prazer.

— O prazer é todo meu, Mme. Decker.

— O senhor é muito amavel. Pode fazer-me o favor de prevenir meu marido?

— Não faltarei, minha senhora. Pouco depois, Decker voltava aos aposentos de Clyde, que não transmittiu o recado da esposa porque queria conhecer Mme. Decker a sós. Por isso, inventou uma viagem immediata a Boston para seu advogado, com a recommendação que aproveitasse para descansar uns dias por lá. Decker correu á casa para arrumar as malas e quando a senhora soube do que se tratava, percebeu o jogo de Clyde e engendrou logo um plano para dar uma bôa licção a esse peralvilho, deixando o marido partir, sem dizer nada.

Dahi a pouco, Mme. Decker telephonou a sua amiguinha Phyllis, uma "girl" convidando-a para completar um trio ao jantar. Phyllis objectou primeiro que não podia acceitar porque ia fazer parte do festim em commemoração da victoria de Mabel, mas quando Mme. Decker a informou que o jantar em casa della seria com a victima, a curiosidade de Phyllis levou-a de vencida e ella acceitou. Vestiu-se ás pressas e não tardou em apresentar-se em casa de Mme. Decker. Ahi ficou combinado que para enganar o mandrião, as duas trocariam de personagens, fazendo Phyllis de Mme. Decker e vice-versa.

(*Termina no fim do numero*)

O desenvolvimento do Cinema de Amadores no nosso PAIZ

A Questão do Vestiario

Muitas vezes, encontrando-me com amigos, dizem-me que isso de se procurar adquirir e conhecer uma camara cinematographica para se tentar fazer um film com ella não póde passar de um sonho irrealisavel porque se torna impossivel a gente querer fazer alguma cousa talvez um pouquinho ousada com uma camarasinha marca miniatura.

Não é tanto assim. Vocês que me lêem, e sabem bem o que é estudar qualquer cousa, devem comprehender que afinal o amador que adquire uma camara para a classe de "fans" a que elle pertence, a classe dos amadores, não faz outra cousa senão iniciar um estudo, iniciar o abc da cinematographia, ir-se iniciando com os seus proprios esforços nesse estudo formidavel que é o conhecimento, uma arte afinal como qualquer outra, da photographia do movimento.

O alumno de humanidades que, depois de ler um trecho do Padre Vieira, toma da penna e procura fazer uma composição portugueza usando daquella syntaxe para que deve ser o objectivo de todo estudante dessa lingua, está ao mesmo nivel do alumno da photographia que, depois de analysar e comprehender o bello em uma pellicula de um mestre da setima arte, procura tudo quanto esteja a seu alcance para ir tendo uma pratica pequenina, intima, no jogo multiplo dessa arte nova mas variadissima.

Ora, esse mesmo alumno que tomou da penna pouco se importa que o caderno em que elle vae abrir a série do seu estudo pratico se assemelhe ao caderno de um estudante de primeiras letras. A materia prima tem certa importancia no valor da obra de arte, isso é indubitavel, mas ainda mais indubitavel é que o genio é tudo, ou pelo menos quasi tudo. Abram-se os compendios de Historia: os Incas não produziam maravilhas de esculptura sem nem ao menos saberem como esculpir? Maravilhas de composição não apparecem ás vezes dentro de cadernos desses estudantes? Por que esses detalhes, ás vezes tambem maravilhosos, não podem ser gravados, esporadicamente na gelatina de uma pellicula Eastman de dezeseis millimetros? Não seria uma tolice negar essa verdade?

E' claro que a realização desses detalhes, detalhes que, para exhibirem, têm forçosamente que surgir dentro de uma narrativa, narrativa essa que haverá de soffrer a fórma embora primitiva de um scenario, não podem contar com altos recursos materiaes para a sua execução, e esses recursos custam dinheiro.

Depois do que se convencionou chamar a montagem, o primeiro ponto que a execução do detalhe realizado pelo amador lhe reclama o dinheiro e o tempo é o vestiario.

Esse vestiario tem que ser simples si a gente quer poupar o proprio dinheiro; não é a es qui si ti ce da concepção que vae permittir ao amador a realização do detalhe; é o ambiente, é o enredo tecido pelo scenario dentro desse ambiente. Logo, o vestiario, com a montagem, passa a ser o accessorio, em vez de fazer parte do principal.

O film de costume é talvez audacioso demais. Esse genero de composição, já disse isso a vocês, não se quadra com o que deve ser a as pi ra ção do amador - estudante da setima arte. Praticar a realização da obra de arte é uma cousa; gastar ma gni fi cen cia e tambem um pouquinho de petulancia n e s s a obra, isso é outra coisa.

O commum, isso de todos os dias, é que deve ser a base do vestiario no film de amadores. Dorohy Farnum diz: "Você gosta disso ou daquillo? Então escreva um scenario bordado sobre isso de que você gosta e de que você não ignora os detalhes". Pelas palavras de Miss Farnum vê-se que o scenario para o film de amadores nunca requer o vestiario que está guardado na casa dos "props".

Uma moça que fica atrahente dentro de um vestido de baile usando em um desses clubs da nossa elite póde fornecer lindos "shots" para o film do amador.

O vestiario feminino, por exemplo.

O velludo negro, usado para e por um typo photogenico da sereia, por exemplo, typo que, diga-se a verdade, está hoje inteiramente banido do verdadeiro Cinema, pode produzir lindos contrastes si fôr usado com illuminação artificial. Um primeiro-plano de uma moça morena cabellos ligeiramente ondulados mas sem serem jogados por traz das orelhas, physionomia realmente photogenica, magra sem ser fina demais, photographado em visão indirecta pelo espelho de uma "vanity" ou de um "boudoir", tudo enquadrado dentro de um "deshabillé" deixando entrever uma pyjama de seda rosa claro, tudo isso não formaria um primeiro-plano adoravel?

Não acredito que a difficuldade da realização fosse insulperavel. A difficuldade estaria mais em convencer os nossos amigos a nos prestarem os seus concursos.

O vestiario masculino.

Assim como o feminino, o masculino deve se cingir ao que não deixe de ser commum e talvez vulgar, para não parecer ridiculo. Isso aliás é uma verdade porque neste mundo o que a gente quer é tratar de ser egual aos outros.

Hoje em dia muito pouca gente deixa de usar o jaquetão; logo o jaquetão, o terno de jaquetão com o collarinho duro mais simples, de uma só folha, e a gravata de crépe da china, o laço borboleta dado por cima das pontinhs viradas do collarinho duro, têm forçosamente que constituir o mais de accôrdo para o amador que se vê quasi obrigado a desistir da illuminação artificial.

Um "shot" por exemplo de uma barata na porta de um palacete qualquer; dentro dessa barata um dos nsssos amigos mettido dentro do seu melhor terno de linho branco, a rigor, ou então mettido dentro do seu "smocking". Apparece a nossa estrella; vem dentro do seu vestido de baile, ultima moda, tulle branco, rosa claro ou branco dourado, todo adornado por uma multidão de pequeninas flores, rosas mesmo, por exemplo, saia ampla, corpinho justo, uma modestia garrida, simples mas provocante.

Por que não nos curvamos deante da provavel photogenia de uma tal composição?

A roupa de banho, tanto a masculina como a feminin.

Não será ainda o mais commum e o mais simples que irá conceder o melhor á machina do amador? Não photographa o verde carregado tão bem? Esses trajes de banho verdes esquadrados, ataviados por um simples cinto de lona não são tão attrahentes?

Não. No film do amador, o que deve reger o vestiario é a simplicidade. Quanto mais simples e mais natural, tanto melhor. Aquillo que possa ser comprehendido. Nada de extravagancias e aberrações que só ficariam bem, e assim mesmo, quem sabe lá, nos films idealistas, futuristas ou de uma technica mais profissional que amadora.

SCENA DO NOVO FILM DE DOUGLAS FAIRBANKS, "VINTE ANNOS DEPOIS". OS AMADORES NÃO PODEM COMEÇAR ASSIM. OS PRIMEIROS FILMS DE DOUGLAS, NEM INTERIORES TINHAM.

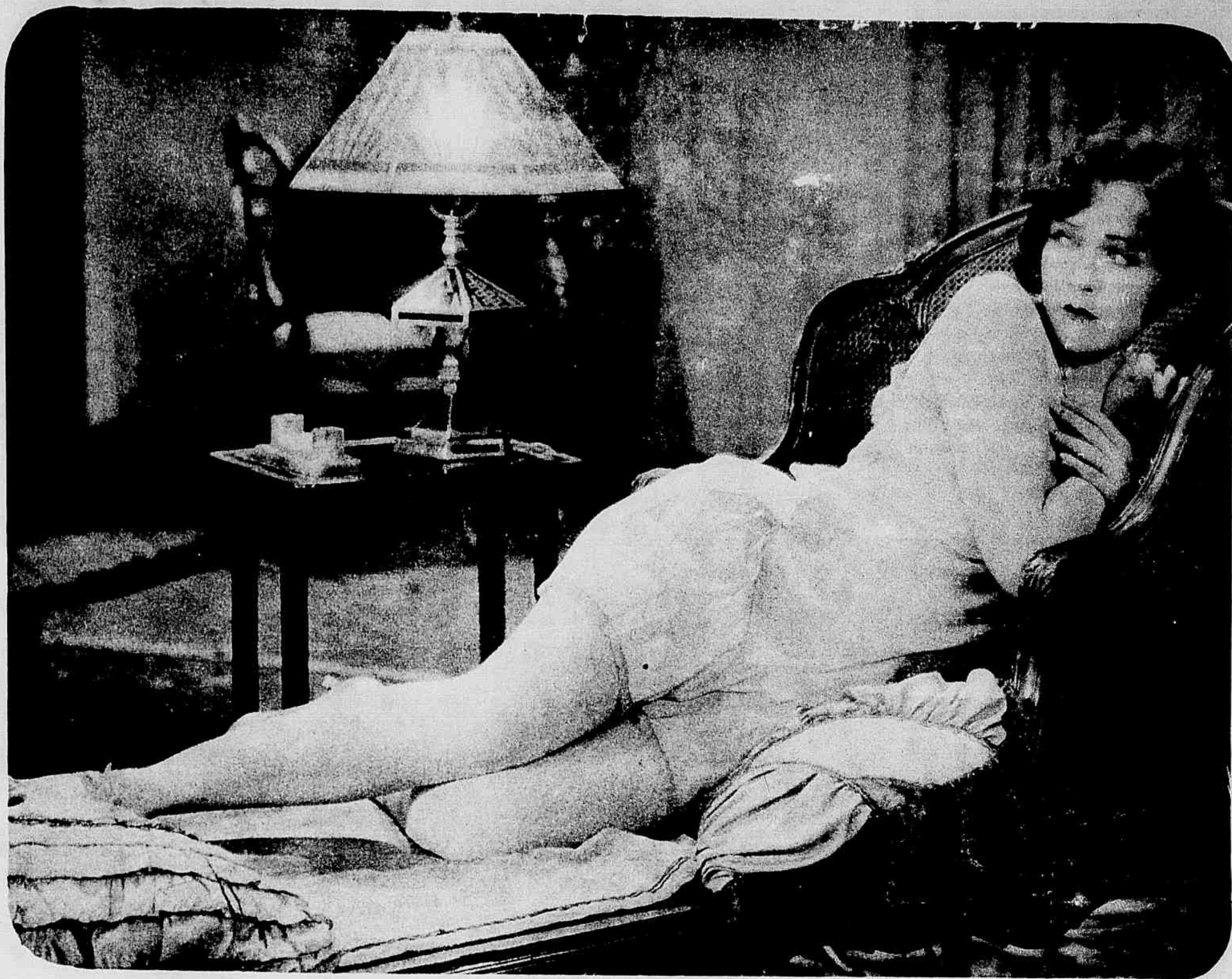
Marion Davies foi uma das bellezas das Ziegfeld Follies. Seu pae é juiz na cidade de Nova York. Ella é uma das favoritas e das mais populares em Hollywood. Sua mania é arranjar casamentos.

Os paes de Renée Adorée foram artistas de circo. Ella nasceu num circo, é uma eximia bailarina, acrobata e monta muito bem a cavallo. O verdadeiro nome de Renée é Renée de La Fonte.

Dorothy Sebastien descende de uma familia que por muitas gerações foram leaders religiosos no sul da America.

Ralph Forbes estudava navegação. Seus paes queriam que elle pertencesse a marinha mercante. Forbes foi artista de theatro antes de entrar para o Cinema.

Joan Crawford é uma habil bailarina, porém nunca tomou uma lição. Seu primeiro film foi uma decepção. Seu nome verdadeiro é Lucille Le Seure. A sua ambição é representar papeis tragicos.

Buster Keaton nasceu durante um cyclone no momento que os seus paes estavam representando com uma troupe ambulante. Seu nome ver da d e i r o é Joseph Francis Keaton. Na sua infancia re pre sen ta va papeis de velhos com uma longa barba nos actos de variedades juntamente com os seus paes.

JACQUELINE LOGAN...

NANCY

DOVER

O que se exhibe no Rio

ODEON

ALRAUNE (Alraune) — D. M. A. — Producção de 1928. — (Prog. Serrador).

Dos ultimos films germanicos exhibidos no Rio "Alraune" é sem contestação um dos melhores, senão o melhor, sob o ponto de vista do Cinema Puro. Não é um film da categoria de "Varieté". Não tem o mesmo poder artistico. Nem é film destinado a fazer furor. Mas é um bello trabalho cinematico, construido sobre um thema scientifico dos mais audaciosos e invulgares. Nota-se perfeitamente em todo o seu desenrolar a influencia benefica de um conhecimento regular da syntaxe do Cinema. Vê-se através de suas sequencias, admiravelmente ligadas, que, quando os europeus querem e deixam de lado orgulhos tôlos, sem nenhuma razão, lançando mão dos recursos do Cinema, descobertos, inventados e aperfeiçoados pelos "yankees", que durante muito tempo, tambem, foram os unicos que os empregaram, são capazes de produzir films tão bons ou melhores do que os de Hollywood.

Tem sido sempre assim. "Varieté" provou-o. Outros tambem. Agora "Alraune". Não é um grande film, repito. Mas agrada. E tem Cinema. A sua historia está narrada num estylo suave, sem saltos, sem sequencias inuteis, sem detalhes desnecessarios. E' verdade que assim mesmo apresenta defeitos que poderiam ser corrigidos com relativa facilidade.

Mas o film, no seu conjuncto, é bom. Principalmente pelo estylo da narração e pela bem cuidada, direcção de Henrik Galeen. E' magnifico o trabalho deste director.

Elle sabe bem como empregar um movimento de "camera", como apanhar um "close-up" e como dar a impressão que quer. Elle tem o senso cinematico. Elle conhece bem a theoria e a pratica dos angulos...

Brigitte Helm tem á seu cargo o caracter central. O desenho está admiravel.

Nem mesmo a optima direcção de Henrik Galeen e a sua extrema adaptabilidade ao papel conseguem empanar o brilho extraordinario de sua interpretação. Bella, de uma formosura toda nova, exotica a ponto de ás vezes a gente ficar na duvida sobre si ella é bonita ou não, Brigitte atravessa o film da primeira a ultima parte irradiante de seducção. A sua figura exquisita parece a personificação do Peccado. E' a mais séria rival de Greta Garbo. E não dou muitos mezes para ella estar nos Studios de Hollywood... "Alraune" é Brigitte Helm. Como Brigitte Helm é a "Alraune" do film.

Paul Wegener tem um bom desempenho. Tambem o papel é dos de sua especialidade. Ivan Petrovich apparece pouco, mas com uma linha impeccavel. Que differença do seu trabalho em "A Mulher Núa"! Quanto vale um bom director! Quanto vale uma verdadeira comprehensão de Cinema!

Os outros são John Loder, que está nos Estados Unidos, Luis Ralph, Mia Pankan e outros.

Não percam "Alraune"!

Cotação: 7 pontos. — P. V.

MAR E TORMENTA (Stormy Waters) — Tiffany-Stahl. Producção de 1928. (Prog. Serrador).

Um thema já um tanto explorado, mas que, comtudo, offerecia opportunidades para um grande film, devido principalmente à importancia do caracter feminino que aqui chega a superar os dois caracteres masculinos, que sempre foram em outras versões os principaes. Vê-se nitidamente que o scenarista modificou a historia de Jack London até tornal-a digna, da estrella Eve Southern. Aliás, elle só se esforçou neste sentido. Desenvolvendo o caracter feminino como o fez elle não quiz dar um tratamento novo ao velho thema, mas tão sómente preparar material para Eve Southern.

Em todo o caso, si Edgar Lewis não fosse um director mediocre, ainda podia fazer qualquer cousa pelo film.

O defeito mais grave que se nota é o da escolha de Eve Southern. Eve nunca poderia ter um papel assim. Ella está completamente deslocada. A sua interpretação é puramente theatral. A's vezes, até ella parece ridicula. E' o typo da "Sadie Thompson" de theatro... E' um crime da Tiffany-Stahl. A continuar com os films que lhe têm dado lá é preferivel, para Eve, as fileiras de "extras".

Do resto não convém falar. Malcolm Mc Gregor é o mesmo herói desageitado de sempre. Roy Stewart trabalha com uma preguiça formidavel. Shirley Palmer apparece pouco.

Só vejam si não houver cousa melhor por perto...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

DINHEIRO E' SANGUE (Painted Post) — Fox. Producção de 1928.

Disse uma revista "yankee", na critica deste film, que a Fox, para despedir Tom Mix, deu-lhe a formula mais conhecida para fabricar "westerns" — dinheiro roubado, assaltos, rapto e uma victoria espectaculosa para o herói e seu cavallo. Não estou de accordo. Esta formula, com pequenissimas variações foi sempre a dos films de Tony, digo Tom Mix... Apenas desta vez o popular Tom foi mais mal tratado. Nem lhe ligaram importancia. A não ser mesmo o final que offerece sensação e a figura seductora de Natalie Kingston nada mais se salva neste film. Eugene Forde dirigiu-o com a maxima má vontade. Philo Mc Cullough, Fred Gamble e Al St. John tomam parte. Tom Mix e Tony despediram-se da Fox...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

IMPERIO

O CAÇADOR DE FERAS (The Missnig Luik) — Warner Bros. Producção de 1927. — (Prog. Matarazzo).

Syd Chaplin deixou as saias e as suissas para apparecer tal e qual é numa historia traçada em torno do conhecido thema de falsa personalidade, de mistura com macaquinhos, macacos e macacões, inclusive um gorilla perigoso feito por um homem que é o principal elemento do "climax". Syd tem apparecido em comedias muito superiores e sem abusar tanto do "slapstick". Ha uma ou outra sequencia realmente engraçada, mas o resto perde-se na vulgaridade.

As sequencias de bordo do navio, por exemplo. A da luta dos cannibaes, tambem. Mas as aventuras do herói com os leões e o final fazem a gente duvidar do sangue "chapliniano" que corre nas veias de Syd. Como diversão para uma tarde de calor serve. Ruth Hiatt é a heroina. Crawford Kent, Nick Cogley, Sam Baker e outros tomam parte. Charles Reisner escreveu a historia e o scenario e dirigiu.

Cotação: 5 pontos. P. V.

GLORIA

A PRINCEZINHA ENDIABRADA. — Ufa Producção de 1927. — (Prog. Urania).

Mais uma comedia allemã cheia de movimento, rica, de grandes e custosas montagens e de bello e bem cuidado guarda-roupa. E' uma comedia de "costume", onde luzem magnificos fardamentos de principes, reis e garbosos officiaes, e onde se exhibem vestidos luxuosos e adereços maravilhosos. E' uma comedia que a gente não sabe bem como qualificar si é cinematica ou theatral, apesar de a ver na téla de um Cinema. Entretanto, não obstante o seu estylo de Cinema antigo, não desagrada de todo. Afinal de contas, Mady Christians é uma criaturinha deliciosa de graça e malicia. Ella é uma comediante capaz de dar encanto a um film. O seu herói é Wilhelm Dieterle. Não sei como é que ainda não se lembraram de dar-lhe aposentadoria... As suas feições parecem mais de açougueiro do que de galã de Cinema...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

CAPITOLIO

DEVOÇAO (A Harp in Hock) — P. D. C. — Producção de Setembro, 1927.

Mais um argumento sobre os judeus em New York. Tem um pouco de sentimento, mas tem muito hokum.

O trabalho de Rudolph Shildkraut é admiravel. Junier Coghlan, Bessie Love, Joseph Striker e outros tomam parte.

Cotação: 6 pontos. — A. R.

CENTRAL

O VALLE DOS GIGANTES (The Valley of the Giants) — First National. Producção de 1928. — (Prog. M. G. M.).

A mesma historia filmada ha annos pela Paramount, com o saudoso Wallace Reid no principal papel. O thema é bastante conhecido. E encerra situações exploradissimas na téla.

E' a conhecida rivalidade de duas companhias que exploram a derruba de florestas. As mesmas lutas selvagens.

O capataz bruto e grosseiro. O herói dá-lhe a conhecida lição. A luta final de centenas de lenhadores. E a luta, mais importante do herói com o villão.

Charles Brabin, entretanto, com bellas composições, com o apuro da representação que arrancou de todo o elenco e com a original apresentação de muitas scenas salvou o film, elevando-o à categoria de bom divertimento. Mas o estylo de narração, que, afinal de contas, é o essencial no moderno Cinema, é defeituoso e antiquado.

O film agrada, porque o assumpto, apesar de velho, interessa bastante. A sua acção é rapida e vigorosa.

As lutas estão muito bem filmadas, com especialidade a de Milton Sills e Paul Hurst, que é formidavelmente selvagem. O desastre do trem de carga está maravilhosamente bem filmado. O elemento amoroso é bom, interessa e está bem temperado com um pouco de comedia.

Milton Sills desta vez tem um bom desempenho. Elle está dentro do papel. Assim, sim... Doris Kenyon, mais moça e mais bonita, secunda-o. Arthur Stone faz das suas. A sequencia em que elle convence os politicos da terra da belleza do negocio que lhes propõe é estupenda. George Fawcett, Charles Sellon, Yola d'Avril, Paul Hurst e Phil Brady tomam parte. Vejam.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

PATHE'

DORES DO MUNDO (Not for Publication) — F. B. O. — Producção de 1928.

Felizmente Ralph Ince desta vez comprehendeu que devia desistir de galã. E entregou a tarefa de proteger a linda Lola Mendez através de todo o film e do beijo final a Rex Lease, que é um bello rapaz, digno de ser mais bem aproveitado. E ainda por cima, no final, elle resolve morrer para deixal-os em pleno goso da felicidade terrena... O film é uma complicação medonha. Ha um crime, ha um reporter em acção, uma explosão numa represa. Eugene Strong toma parte. Ralph Ince continua a exhibir a sua cara de poucos amigos. Rex Lease tem um desempenho extremamente sympathico. Mas o que me encantou devéras foi a Lola Mendez. Que linda criaturinha! Que mimo!

Cotação: 4 pontos. — P. V.

DOLORES COSTELLO
E CONRAD NAGEL

LORETTA YOUNG
E MATTY KEMP

Charles Farrell
e
Dorothy Revier

CLYDE COOK
E
PEQUENAS

PEQUENAS
E
KARL DANE

LAURA LA PLANTE

Paraiso Imaginario

(FIM)

co, ficaria o povo na necessidade de se divertir de outra fórma — e procuraria o tabernaculo. Com os que assim pensavam estava o velho evangelista.

Resultado: dada a queixa á policia, compareceu ao local um inspector com ordens para effectuar a prisão de Gloria. Como chovesse, naquella noite, e o tabernaculo fosse mais bem coberto do que a barraca de Ward, para lá se encaminhou o povo. Até mesmo Gloria e Alfred, acossados pela chuvarada, foram visitar a missão evangelica.

O Rev. Morgan, tendo feito um sermão capaz de converter até as pedras, chamou a si os fieis. Foi nessa occasião que, ajudando a uma pobre mulher que desejava acercar-se do tablado onde estava o ministro evangelico, approximou-se tambem Gloria do homem que horas antes estava fazendo reclamações a seu respeito á policia local. E nessa mesma occasião, o inspector, que soubera por indicações de Ward, que a moça se achava no tabernaculo, acerca-se do grupo e põe Gloria sob ordem de prisão.

No dia seguinte, em presença do juiz, quando discutiam o castigo que deviam dar á bailarina, apresenta-se o Rev. Isaias e, crendo que Gloria havia ido ouvil-o, ao tabernaculo, porque estivesse arrependida da existencia mundana que levava, pede ao juiz para ser complacente para com ella, certo estando do seu arrependimento.

— Estes jogadores de profissão têm que aprender a respeitar a nossa cidade — dizia um dos accusadores — e o bom exemplo deve começar por ella!

— Mas, seria um mais bello exemplo christão — adeantava o reverendo — se a perdoassemos por esta falta, e ella, arrependida como está, de certo seguiria vida mais decente...

— Confessa que é culpada? perguntou-lhe o juiz.

— Sr. juiz, eu não havia notado a minha culpa, dizia Gloria, querendo tirar vantagem da intercessão feita pelo reverendo, até hontem, á noite, ao ouvir um sermão do Rev. Isaias...

O velho evangelista, satisfeito, enrteolhou os presentes, certo do poder regenerador de sua inspirada palavra.

Mas o juiz, que vira na historia de Gloria uma ovelhinha que bem podia entrar para o seu dade, condemnou-a logo a noventa dias de prisão.

Houve, entretanto, nova interferencia do reverendo, que não queria vêr ir para a cadeia uma ovelhinha que bem podia entrar para o seu aprisco de almas.

— Sr. juiz, rogo-vos que me concedaes esta pequena sob fiança. Eu me responsabilizarei por sua salvaguarda e conducta.

— Está bem, eu revogo a sentença. E você fica sob a protecção do Rev. Isaias por espaço de noventa dias, disse o magistrado, entregando Gloria ao evangelista.

Agora, no tabernaculo, presta Gloria os serviços que prestava outr'ora na companhia ambulante. De pé, sobre o tablado, prega abertamente ao povo. Como prova real do poder da palavra divina, o Rev. Morgan aponta-a á congregação, uma prova viva, palpavel, da conversão de uma peccadora.

Gloria, sabendo embora que a sua conversão havia sido por conveniencia propria, para fugir á prisão imposta pelo juiz, ia aos poucos permittindo ser o exemplo daquelle milagre, e dia a dia, de tanto ser dada como amostra de regeneração, ia-se esquecendo da passada vida de outr'ora. Estava mesmo gostando da nova profissão de pregadora, do convivio com gente de melhor conducta, e, pode-se dizer, trabalhava intimamente por se convencer a si propria.

Alfred, o namorado, brigara com Ward, abandonára a companhia e sahira para uma outra localidade, dizendo a Gloria que quando pudesse organizar a sua propria companhia, mandal-a-ia chamar para juntar-se ao grupo.

E um dia, quando mais empenhada estava Gloria em levar avante a sua campanha evangelizadora, recebe ella um telegramma de Alfred. No despacho dizia elle que em poucos dias estaria em uma certa localidade, para fazer estéa da nova companhia. Lá, nesse logar, devia ir ter ella, para juntar-se ao grupo depois de casada com Alfred.

Com a acquiescencia do Rev. Isaias, mudou-se o tabernaculo para a cidade indicada pelo rapaz, e com a missão evangelista seguiu a loura pregadora.

Ao encontrar-se com Gloria, notou Alfred a sua radical transformação. Ella, que se reunira aos evangelistas por simples medo á prisão, estava agora uma fervorosa seguidora dos preceitos biblicos. Ao envés de unir-se ao grupo recem-formado por Alfred, queria Gloria que o rapaz deixasse de mão o negocio de espectaculos ambulantes para juntar-se aos mantenedores do tabernaculo, e proseguirem no serviço de evangelização de outras cidades.

Zangou-se o rapaz. — Que não, dizia, que estava farto de religião, e que se ella, Gloria, quizesse, que se ficasse com o seu santarrão, a rezar bembitos a vida inteira, que elle ia abrir o seu espectaculo e seguir com a velha profissão.

Na noite da estréa da barraca de Alfred, o empresario Ward, que era um dos exhibicistas ambulantes do logar, estava preparado para a vingança. Ia levar á realidade a sua ameaça, promettendo arruinar-lhe o negocio, caso pretendesse fazer-lhe concorrencia no mesmo territorio.

E á noite, quando mais alegre corriam os negocios no barracão de Alfred, irrompeu o fogo! Lavraram as chammas e dentro de alguns minutos, estava tudo em cinzas! Sem ao menos ter tido tempo de fazer qualquer cousa para evitar a destruição do circo, cujo autor mal sabia ter sido o seu inimigo de outr'ora.

Mas por sobre a grande tristeza do rapaz, antes que elle quizesse formular planos de vingança, eis que apparece a sua linda namorada. E Gloria, como um anjo de paz, achega-se para Alfred:

— Não te mortifiques pelo que perdeste, meu amor! O fogo só queima o que é material... mas a nossa esperança fica — para as ~~storias~~ do que é imperecivel!

O Rev. Isaias veiu encontral-os abraçados, num longo amplexo, e bem poderia, ali mesmo, ter celebrado o casamento dos dois...

Mas, para que tirarmos ao leitor a grata surpresa do final? Vel-o, é certificar do resto...

GEORGE BANCROFT FALA DO SEU TRABALHO

(FIM)

amor, a paixão que se sobrepõe a differença que nos separa...

"Eis o que quero exprimir quando digo que posso representar papeis de apaixonados romanticos!"

Esse typo que descreveis é a vossa personalidade real ou ai dos personagens que incarnaes na téla? — indaguei eu.

"Sou eu realmente. Sou da especie de homem para quem todas as mulheres são como si fossem uma mãe.

Não importa a degradação a que decesseis— exclama elle com ardor — eu sempre veria em vós a mulher que haveis sido.

"Faço questão de ser bom para todo mundo. Não quero que me julguem orgulhoso nem pretencioso. Dizia-me alguem ha pouco que qualquer dia eu teria de me arrepender da minha bondade para com tal gente.

"Que gente?" — indaguei eu, que já desistir de saber si elle estava fallando como George Bancroft ou como um personagem da téla. Creio, aliás, que por momentos elle proprio não seria capaz de fazer essa differença.

"Oh!... essa gente por aqui" — respondeu elle levantando o braço num gesto que parecia abranger quasi toda a região de Los Angeles.

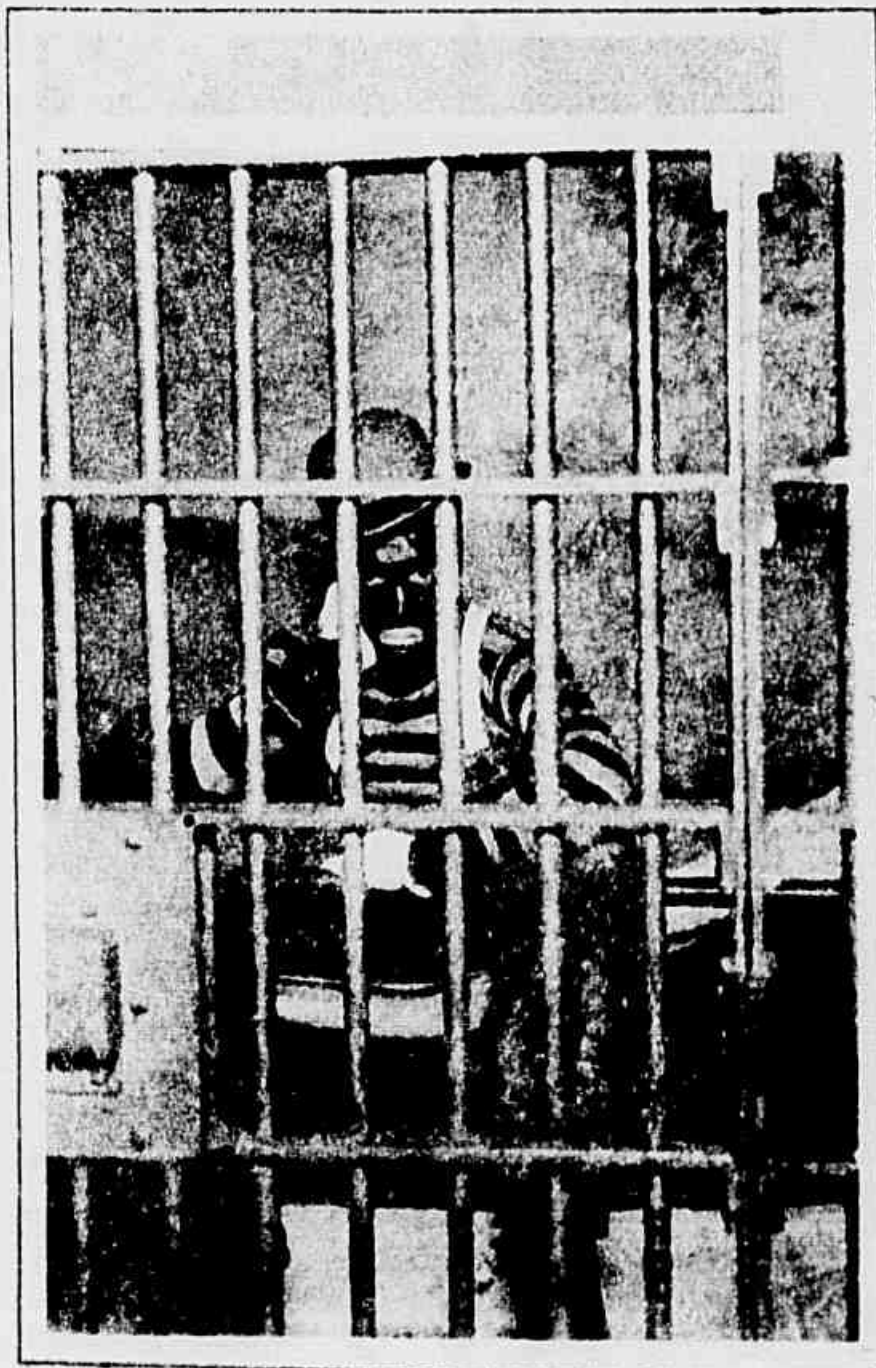
"Não conheço muita coisa fóra do campo do meu trabalho, confiou-me elle, de repente. Já viajei pelo mundo tres vezes, e, entretanto, na realidade só conheço a minha profissão. Essa é a razão, creio, porque sou uma especie de individuo... facil!"

Creio que com isso elle me dava a definição exacta da sua pessôa. Porque Bancroft é um excellente artista, não ha duvida. E a sua maneira a sua bondade a sua generosidade, constitue, certamente, de certo modo a prova do seu valor.

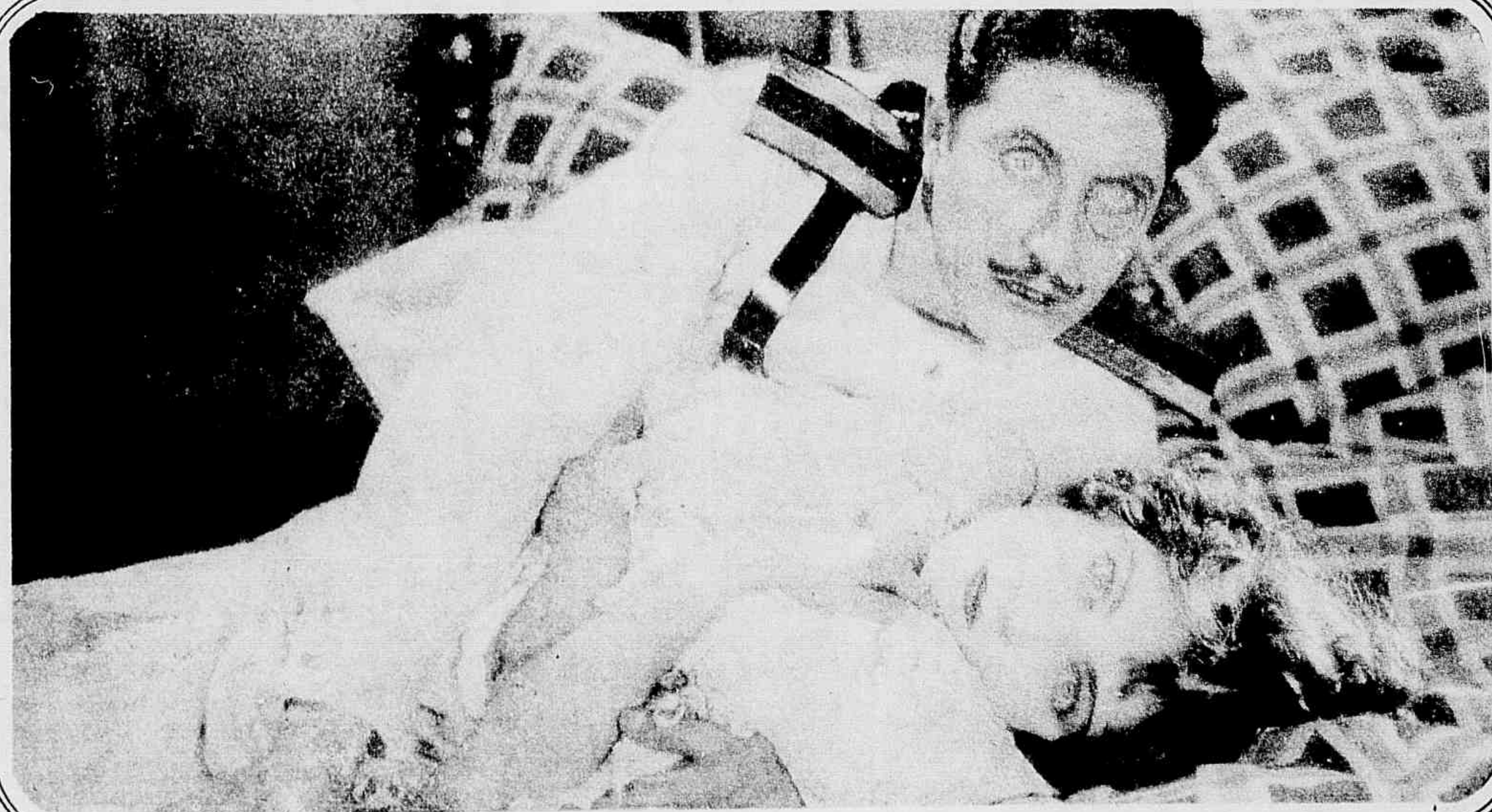
Emil Jannigs e Wallace Beery possuem qualquer coisa dessa mesma fluidez de personalidade. E' talvez isso que lhes permitte ajustarem-se á diversidade de papeis que elles representam.

Mas si Bancroft sente difficuldade em exprimir-se pela palavra, não lhe é absolutamente difficil exprimir as suas emoções na téla.

E, afinal de contas, é essa a unica coisa que vale no Cinema.

NÃO PARECE, MAS E' GEORGE LEWIS...

WALTER BYRON e YOLA D'AVRIL

DOLORES DEL RIO
e
JOSÉ CRESPO

ROY DARCY
e
RENÉE ADORÉE

CORISTAS SEDUCTORAS

(FIM)

Trajando bellissimas toilettes, que realçavam os seus encantos, as duas mulheres aguardavam a chegada do "trouxa". Pouco tiveram de esperar, indo Mme. Decker esperal-o num salão contiguo á sala de jantar.

Quando Clyde penetrou na casa, espreitou através de um reposteiro, viu a correcção com que a mesa era posta e encaminhou-se para a sala onde estava Mme. Decker, que o recebeu, dizendo: "Sou Phyllis e fui convidada para tomar o logar do Sr. Decker no jantar. A senhora mandou dizer que vinha já". Poucos momentos depois, Phyllis, fazendo de Mme. Decker surgiu realmente fascinante, produzindo um effeito tão estonteante no pobre Clyde, que elle não tinha mais olhos para a outra mulher, que se ralava de despeito. Durante a refeição as suas attenções eram dirigidas quasi que exclusivamente á pessôa que elle julgava ser a esposa do advogado. Quando se retirou, estava tão apaixonado, que foi sentar-se num banco fronteiro á casa para quedar-se em contemplação amorosa das janellas do aposento de Mme. Decker.

Passada meia hora mais ou menos, Phyllis vinha sahindo para recolher-se a sua casa. Como Clyde lhe surgisse á frente, teve que recorrer a uma mentira e disse que a belleza da noite a tentára a sahir para tomar um pouco de ar. Clyde insistiu em acompanhal-a no seu passeio. Dadas umas voltas, Phyllis fingiu que ia entrar e Clyde não teve remedio sinão afastar-se, convidando a supposta Mme. Decker para almoçar com elle no dia seguinte no hotel Ritz, onde residia, convite esse que foi acceito.

Quando o Sr. Decker chegou a Boston e foi ao endereço indicado por Clyde, encontrou um terreno vazio. Por isso, voltou logo, meio desconfiado, para Nova York e foi procurar o seu constituinte. Como desculpa este disse-lhe que se enganára no nome da cidade, que deveria ter sido Philadelphia.

Este regresso imprevisto deu logar a uma serie de qui-pro-quos, de entradas e sahidas furtivas e de idas e vindas ultra-comicas dos varios personagens da nossa hisoria, todas provenientes do plano malicioso engendrado por Mme. Decker e que acabaram por excitar seriamente os ciumes do advogado, que até então depositára confiança céga na consorte.

Não ha bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe. Phyllis, cançada de fazer parte de um "complot" em que nada tinha a ganhar mas ao contrario tudo a perder, porque via o grande e sincero amôr que Clyde lhe dedicava e que intimamente retribuia, foi procurar o Sr. Decker, confessando-lhe toda a verdade. Quando este se compenetrou da brincadeira, fingiu de zangado e para dar um castigo ligeiro á esposa por ter-lhe escondido a verdade, partiu com Phyllis para uma praia de banhos, dizendo a Clyde que ia gozar uma segunda lua de mel e deixando um bilhete para Mme. Decker no mesmo sentido. O primeiro, julgando que a mulher com quem o advogado partira fosse a falsa Phyllis, foi ao seu encalço para evitar o que elle pensava seria uma infelicidade conjugal, emquanto que Mme. Decker pensando que talvez o marido se sivesse mesmo apaixonado por Phyllis, foi tambem para o hotel balneario, afim de não perder o esposo.

Quando chegaram ao hotel onde se achavam os dois suppostos fugitivos o Sr. Decker, fez uma fita tão bem feita que os dois recem-vindos julgavam ter chegado tarde demais para evitar uma dupla desgraça. Por fim, como o advogado mostrasse que não habitava com pessôa do sexo feminino e que a moça que Clyde procurava estava apreciando o bello quadro que aquella linda praia offerecia, este verificou com immenso jubilo que, desta feita, havia sido logrado em seu proveito. Visto que a mulher que adorava era livre, foi Clyde, que desta vez poz o coração aos pés da amada para que delle fizesse o que bem entendesse, e Phyllis, em vez de pisal-o, o aconchegou junto ao seu.

ORCHIDEA

(FIM)

Pobre Maryse... Ella amava com toda a força de seu coração. Bella, ainda, ella se sentia entretanto descambar para o outomno da vida. E Orchidea?... Em plena juventude, bella, attrahente, com um milhão de adoradores, bem poderia escolher a quem amar, entre um delles... Que lhe deixasse Jean, que ella tirára do incognito para a fama! Jean, cuja alma de artista ella burilára; Jean, que ella amava como nunca amára em sua vida!

Ia começar o espectaculo daquella noite. A dansarina Orchidea tinha de começar o seu numero... Maryse retirou-se dali, para a friza onde a esperava Jean. E esse espectaculo tinha de decidir de sua vida, de um modo talvez excepcional. Uma tragedia... Um incendio! E estava a dansarina no palco. Maravilhava a todos com a sua graça, os seus bailados, e o mecanismo de movimentação do ambiente do palco, uma maravilha em que as gazes e as luzes cambiantes davam ao todo uma visão de mil e uma noites. Um curto circuito... gazes leves... o fogo! E foi toda uma série de cousas espantosas que se desenrolaram. Yoannès, esquecido de tudo o mais sinão de que Luicha estava em meio das labaredas, abandonando tudo depois de providenciar por momentos para a retirada de Maryse, atirou-se ao palco, mar de chammas! E foi depois de uma luta ingente que elle conseguiu arrancar daquelle verdadeiro inferno de labaredas e de fumo, de madeiras em chammas que se desprendem, de caliça que tomam côres rubras ao contacto das chammas — elle conseguiu arrancar, embora ferindo-se e queimando-se, o corpo inanimado da dansarina.

E depois? Foram dias que se passaram. Os jornaes haviam noticiado que Jean de Barliave se queimára e ferira gravemente, mas felizmente já se achava em convalescença. A dansarina Orchidéa, entretanto, escapara ao perigo apenas com algumas queimaduras leves. Mas o que os jornaes não diziam é que Maryse se tornára a enfermeira desvelada, e carinhosa que não abandonára a cabeceira do seu querido doente, por todos os momentos em que elle estivera entre a vida e a morte. E fôra então que ella sentira toda a pequenez de sua existencia, toda a inutilidade dos seus esforços... Jean, no delirio da febre, chamava apenas por ella... a outra... Luicha... Agora elle já estava de pé, embora todo amarrado ainda. Mas estava vivo e salvo, devido a ella.

GWEN LEE E O MENOR PHONOGRAPHO DO MUNDO.

Uma manhã, pela janella ella viu chegar o carteiro, que entregou uma mensagem á sua criada. Depois ella viu que essa mensagem passava para as mãos de Jean... E a criada lhe confessou que todas as manhãs recebia de Londres uma carta endereçada a ella, mas para ser entregue ao patrão... E Maryse pôde descobril-as, essas cartas que Orchidea escrevia, essas cartas em que elles combinavam a alegria de um futuro proximo, que os uniria pelo casamento; essas cartas em que, entretanto, Orchidea não deixava de lastimar a situação em que ficaria a pobre Maryse...

Pobre, sim... Tão pobre de tudo, de carinhos, de amor... Pobre de verdade... E ella comprehendeu que seria em vão lutar... Abandonou o campo da luta, com uma carta amorosa que deixou ao seu querido Jean...

Com Medo das Mulheres

(FIM)

era a voz da razão. Mas Jim não estava pelos autos e se dirigiu de novo ao quarto onde deixára Madeline, mas a moça havia desapparecido. Resolvera voltar para a casa do padrasto, para não cortar a carreira do seu amado Jim. Com o regresso da enteada, o padrasto quiz apressar o seu casamento com Pietro, o patricio que lhe destinara para esposo.

Chegára finalmente a noite da luta pela disputa do titulo de campeão. O pobre Jim, contrariado nos seus amores, lutava sem animo e o adversario estava levando grande vantagem sobre elle. Nessa mesma occasião, como Madeline se recusava a casar com Pietro, o seu padrasto enfurecido a trancou no quarto e quasi a matou de pancada. Joe, um menino vizinho de Madeline, ouvindo-lhe os gritos, correu para o theatro da luta e no intervallo de um dos "rounds" contou a Jim o que se passava em casa da moça, instando que fosse soccorrel-a. A raiva que se apoderou de Jim foi tal que num instante poz o adversario "knock-out" e sem esperar pelas ovações da assistencia, nem mudar de roupa, correu para a rua e tomando um taxi mandou que fosse á toda para casa de Madeline, onde entrou como uma bomba e castigou o padrasto como merecia pela sua brutalidade.

Quando Madeline, desfallecida em consequencia dos golpes terriveis desfechados pelo padrasto, voltou a si, a sua alegria foi indescriptivel, ao vêr-se livre do seu algoz e carregada nos braços do seu adorado Jim.

Força que Seduz

(FIM)

— Não exaggere o caso! Você sempre disse que queria divorciar-se! Ora aproveite a occasião!

— Queres divorciar-te para poderes casar com o Major?

— Vocês estão ambos muitissimo enganados, interveiu Leslie. Rose não pode casar commigo porque eu casei-me em França! Minha esposa deve chegar no primeiro vapor!

Esta desculpa plausivel deitou agua na fervura por ser mais do que acceitavel. Lon Henderson sorriu e Rose ficou desapontada, mas exigiu toda a verdade, e Leslie comprometteu-se então a apresentar as... provas!

Anoitecia e estava tudo tão calmo que parecia que a natureza preparava-se para adormecer. Só Leslie estava inquieto. Como poderia elle arranjar uma esposa vinda da Europa em uma pequnea cidade onde todos se conheciam?

Assim decorreu a noite e á hora em que a aurora principiava a colorir o céu, Leslie já tinha resolvido seu difficil problema, e o desenlace deste film apresenta então scenas mysteriosas devéras admiraveis até ser encontrada a verdadeira felicidade.

LADY CORINNE GRIFFITH

(FIM)

esposa — e dá-se a Nelson uma mulher antipathica que rompe com elle num accesso de máo humor, em vez da creatura que supportou as ignominias que Lady Nelson realmente soffreu.

Na verdade, o canon observado nos Studios, segundo o qual a heroina de um film deve ser isenta de reproche, foi desrespeitado em "The Divine Lady". Seria, com effeito, tarefa assáz penosa mesmo ao maior redemptor dos vultos da historia, justificar o facto de haver Emma Hamilton acceito o amor de Nelson, quando ella era mulher de outro homem e Nelson casado com outra mulher. Mas o film faz della uma victima pathetica da sorte, e não a mulher calculista e ambiciosa que todos os seus admiradores e os historiadores reconhecem, a subjulgar os escrupulos de Nelson com os artificios da lisonja e com o mais cruel dos escarneos contra a esposa do grande almirante (a quem ella chamava Tom Tito).

O film a apresenta uma aureola rosea de romantismo, arrastada por uma corrente irresistivel de emoção, quando o exame imparcial da historia parece revelar que o unico homem a quem ella amou sinceramente, sem

egoismo, foi Greville. E' talvez pedir demasiado ao Cinema, pretender que elle nos dê o retrato fidedigno de uma creatura tão complexa como foi Emma, bella e vulgar, sentimental e rude, astuta e incrivelmente estupida, boa e cruel.

"E' um crime", declarou ha pouco um professor de historia de uma grande universidade, "que o Cinema polsêr a historia e a modifique para tornal-a adaptavel a determinada estrella".

Mas do ponto de vista de hollywood a historia não existe sinão para fornecer material para scenarios. Lady Hamilton viveu e amou, simplesmente para proporcionar á bella Corinne Griffith uma opportunidade de patentear de maneira vantajosa a sua belleza, e a batalha de Trafalgar, não se feriu sinão com o proposito de offerecer um bello combate moral ao Cinema.

Ramon Novarro nasceu no Mexico, sendo o quatorze dos seus irmãos; é um mystico; acredita na reincarnação, e affirma que foi na outra encarnação Marco Aurelio; evita o mais que póde as reuuniões sociaes, canta adtmiravelmente; está seguro pela Metro-Goldwyn-Mayer por tres milhões de dollares; possue um equipamento completo de theatro em sua casa, nunca foi noivo ou casado.

卍

Clara Bow pediu um anno de ferias a um director executivo da Paramount: — Estou tão cansada disso tudo... — disse olhando para o "court" de tennis...

Agnese Sauret, vencedora do concurso "A mais bella mulher de França", falleceu na Argentina, quando se preparava para voltar á Europa, onde ia cumprir varios contractos para tomar parte em diversos films. Agnese Sauret tomou parte no film "Le fils du Mont S. Michéle.

卍

DA HESPANHA

"La Plata del Muñeco" é o nome da super-producção hespanhola, filmada pela colonia veraniega de El Escoarial, a beneficio dos pobres do povo. O argumento é de Muñoz Seca e a direcção de Xavier Cabello Lapiedra. José Maria Alonso Pesquera, Carlos Servet e a linda Maria Luisa Pinazo, desempenham os principaes papeis.

卍

Maria Antonieta Monterreal e Enriqueta Palma, têm papeis importantes na producção "Pepe-Hillo".

卍

Está fazendo grande successo o film "La ultima cita", em que toma prate a fascinante Elvira de Amaya e Teodoro Busquets. O film foi dirigido por Francisco Gargallo.

卍

Pitouto dirigiu ha pouco a comedia "Fabricante de suicidios".

COUSAS QUE POUCOS SABEM

Que Hollywood, a capital do film, é a cidade mais cosmopolita do mundo, em cujas ruas se vêm typos de todas as raças e falam-se toda as linguas do universo.

... que Clive Brook, distincto actor inglez e artista da Paramount, é auctor de varias peças theatraes tendo tambem escripto um tratado technico sobre a representação na scena falada.

... que Wallace Beery, o "batuta" de "Somos da patria amada", tem o seu aeroplano proprio no qual faz viagens diarias do Studio paar sua casa, que fica a trinta mlhas de Hollywood, sobre as monatnhas.

... que os correspondentes de jornaes estrangeiros em Hollywood falam (ou procuram falar) a 250 estrellas de Cinema cada dia.

... que Fay Wray, recentemente casada, é uma das melhores tennistas da cidade do film.

... que Clara Bow é a inventora de uma nova dansa que está ganhando popularidade nos Estados Unidos.

... que o relogio da torre da Paramount assignala ás horas por meio de reflexos luminosos, cada côr marcando a divisão dos quartos, meia-hora e hora.

A CINEMATOGRAPHIA NACIONAL

Necessidade de sua expansão — A propaganda pelo film.

Constituido em industria, das mais prosperas e pujantes, o cinematographo é hoje, dada a sua prodigiosa expansão, uma importante fonte de riqueza para os paizes que comprehenderam, além do seu valor financeiro, o prestigio da sua propaganda. E' justamente, como divulgador das idéas, das tendencias, do progresso economico e cultural, do ambiente de cada nação, do caracter de cada povo, que o cinematographo apresenta a sua vantagem mais directa, guiando sympathias e suggestionando a opinião mundial.

Os Estados Unidos, onde a industrai cinematographica attingiu a uma notvael perfeição, têm, graças á força de irradiação dos seus films, exhibidos por toda parte, divulgado pelo mundo, além de suas theorias religiosas e sociaes, o seu prodigioso aperfeiçoamento intellectual e economico. E' no film americano, que se apresenta na mais remota aldeia da America, da Europa e da Asia, que reside o segredo do incontestavel prestigio universal dos Estados Unidos.

Apezar da indiffrença geral, a cinematographia brasileira vêm-se desenvolvendo, lentamente, como é natural, mas apresentando já signaes evidentes de uma proxima affirmação das suas qualidades.

Em varias cidades de São Paulo e de Minas Geraes, no Recife, em Porto Alegre, nesta Capital já foram executados com exito relativo, films de enredo, dentro de um ambiente brasileiro, reproduzindo costumes. Alguns desses films poderiam ser comparados, em esforços, com varias producções de cinematographia americana e européa, aqui exhibidas.

Essa industria incipiente, desde que encontrou o amparo essencial, crescerá, e, apurando a sua technica e alargando o seu campo de acção, tornar-se-á prospera e segura, util e remuneradora. Seu effeito benefico far-se-á, naturalmente, sentir, mesmo dentro do paiz, — e em nosso, com enormes distancias a vencer e desertos intermedios que difficultam o conhecimento justo de varias regiões, esse resultado poderia ser, na verdade, extraordinario.

O proprio film natural, apesar de condemnado por faltar-lhe, para prender o espectador, o encanto da ficção, seria no Brasil um optimo divulgador dos nossos grandes trabalhos agricolas, sómente conhecidos em determinados trechos do paiz, do progresso material das cidades das innumeras bellezas naturaes, tão differentes vias de communicação, das riquezas do sólo, da expansão do nosso apparelhamento industrial.

Com os films escolares, organizados com esses preciosos informes, consolidariamos, em todo o paiz, o espirito nacional, dando a cada joven brasileiro a visão geral, perfeita e animadora do progresso e do trabalho de sua patria. Estará assim facilitada a missão dos professores e assegurado o beneficio dos alumnos que reterão, sem esforço, a lição que o film tornou mais attrahente. Educando a sua intelligencia, o alumno acompanharia, no desenrolar da pellicula habilmente organizada, a evolução de cada uma das grandes producções do paiz, indo do plantio de semente ao completo aproveitamento industrial.

A propaganda de hygiene e o combate ás molestias locaes e aos surtos epidemicos encontrariam no film o melhor e o mais efficiente ds auxiliares.

Despertariamos o espirito patriotico, animando na téla, com um fio de enredo, que lhes daria attracção maior, os factos heroicos de nossa historia.

Da obra historica passariamos, como uma successão natural, para o drama de ficção, de puro ambiente nacional, que retratasse a nossa vida, os nossos habitos, o nosso caracter, os nossos anceios de povo joven.

A duzia de fabricas espalhadas pelo Brasil fóra, lutando com a inexperiencia dos artistas, ainda bisonhos em um genero novo, com a falta de escriptores especializados nessa arte, ao mesmo tempo, minuciosa e synthetica, com a indifferença e, ás vezes, a má vontade dos exhibidores, vem, apezar de tudo, matando e melhorando os seus "Studios", aperfeiçoando os seus processos photographicos e executando novos films de assumpto nacional. As nossas revistas da especialidade vem registrando semanalmente o esforço dispendido por alguns dos nossos productores de films para creação da cinematographia nacional.

Essa obra de tenacidade e de patriotismo necessita do apoio real dos poderes publicos, da boa vontade dos exhibidores, da sympathia dos espectadores brasileiros.

O formidavel esforço allemão, francez e italiano, reformando e fortalecendo a sua industria cinematographica, cuja expansão a grande guerra entorpeceu, indicam a importancia que significa para cada paiz, como negocio e como reclame, de seguro effeito immediato ou futuro a criação e a divulgação dos seus films.

Não ha, actualmente, propaganda mais habil, efficaz incisiva e decisiva que a feita pelo film em milhares de salas de exhibição. Não, naturalmente, a reclame forçada e insipida de pequenos factos de interesse muito particular e de pequenas personagens de interesse ainda menor mas a reproducção de grandiosos trechos naturaes de aspectos das nossas maiores cidades de flagrantes do progresso agrario e industrial, habilmente ncludos em um enredo empolgante, que focalize, com intelligencia o meio nacional e o caracter do nosso povo.

Atravez da nossa cinematographia, desde que ella seja perfeita e attrahente, o Brasil poderá ser conhecido no seu exacto sentido.

ANTONIO CICERO

(Do "Jornal do Commercio" do Rio, edição do dia de Natal).

para V.S.

TECLADO UNIVERSAL

O seu uso é tão simples que está ao alcance de todos, independente de
——— instrucções especiaes. ———

CASA PRATT

Rua do Ouvidor, 125	Praça da Sé, 16 - 18
Caixa 1025. Tel. N. 3226	Caixa 1419 - Tel. C. 2556
RIO DE JANEIRO	S. PAULO

OFFICINAS GRAPHICAS D'O MALHO

A CINEMATOGRAPHIA NACIONAL

Necessidade de sua expansão — A propaganda pelo film.

Constituido em industria, das mais prosperas e pujantes, o cinematographo é hoje, dada a sua prodigiosa expansão, uma importante fonte de riqueza para os paizes que comprehenderam, além do seu valor financeiro, o prestigio da sua propaganda. E' justamente, como divulgador das idéas, das tendencias, do progresso economico e cultural, do ambiente de cada nação, do caracter de cada povo, que o cinematographo apresenta a sua vantagem mais directa, guiando sympathias e suggestionando a opinião mundial.

Os Estados Unidos, onde a industrai cinematographica attingiu a uma notvael perfeição, têm, graças á força de irradiação dos seus films, exhibidos por toda parte, divulgado pelo mundo, além de suas theorias religiosas e sociaes, o seu prodigioso aperfeiçoamento intellectual e economico. E' no film americano, que se apresenta na mais remota aldeia da America, da Europa e da Asia, que reside o segredo do incontestavel prestigio universal dos Estados Unidos.

Apezar da indiffrença geral, a cinematographia brasileira vêm-se desenvolvendo, lentamente, como é natural, mas apresentando já signaes evidentes de uma proxima affirmação das suas qualidades.

Em varias cidades de São Paulo e de Minas Geraes, no Recife, em Porto Alegre, nesta Capital já foram executados com exito relativo, films de enredo, dentro de um ambiente brasileiro, reproduzindo costumes. Alguns desses films poderiam ser comparados, em esforços, com varias producções de cinematographia americana e européa, aqui exhibidas.

Essa industria incipiente, desde que encontrou o amparo essencial, crescerá, e, apurando a sua technica e alargando o seu campo de acção, tornar-se-á prospera e segura, util e remuneradora. Seu effeito benefico far-se-á, naturalmente, sentir, mesmo dentro do paiz, — e em nosso, com enormes distancias a vencer e desertos intermedios que difficultam o conhecimento justo de varias regiões, esse resultado poderia ser, na verdade, extraordinario.

O proprio film natural, apesar de condemnado por faltar-lhe, para prender o espectador, o encanto da ficção, seria no Brasil um optimo divulgador dos nossos grandes trabalhos agricolas, sómente conhecidos em determinados trechos do paiz, do progresso material das cidades das innumeras bellezas naturaes, tão differentes vias de communicação, das riquezas do sólo, da expansão do nosso apparelhamento industrial.

Com os films escolares, organizados com esses preciosos informes, consolidariamos, em todo o paiz, o espirito nacional, dando a cada joven brasileiro a visão geral, perfeita e animadora do progresso e do trabalho de sua patria. Estará assim facilitada a missão dos professores e assegurado o beneficio dos alumnos que reterão, sem esforço, a lição que o film tornou mais attrahente. Educando a sua intelligencia, o alumno acompanharia, no desenrolar da pellicula habilmente organizada, a evolução de cada uma das grandes producções do paiz, indo do plantio de semente ao completo aproveitamento industrial.

A propaganda de hygiene e o combate ás molestias locaes e aos surtos epidemicos encontrariam no film o melhor e o mais efficiente ds auxiliares.

Despertariamos o espirito patriotico, animando na téla, com um fio de enredo, que lhes daria attracção maior, os factos heroicos de nossa historia.

Da obra historica passariamos, como uma successão natural, para o drama de ficção, de puro ambiente nacional, que retratasse a nossa vida, os nossos habitos, o nosso caracter, os nossos anceios de povo joven.

A duzia de fabricas espalhadas pelo Brasil fóra, lutando com a inexperiencia dos artistas, ainda bisonhos em um genero novo, com a falta de escriptores especializados nessa arte, ao mesmo tempo, minuciosa e synthetica, com a indifferença e, ás vezes, a má vontade dos exhibidores, vem, apezar de tudo, matando e melhorando os seus "Studios", aperfeiçoando os seus processos photographicos e executando novos films de assumpto nacional. As nossas revistas da especialidade vem registrando semanalmente o esforço dispendido por alguns dos nossos productores de films para creação da cinematographia nacional.

Essa obra de tenacidade e de patriotismo necessita do apoio real dos poderes publicos, da boa vontade dos exhibidores, da sympathia dos espectadores brasileiros.

O formidavel esforço allemão, francez e italiano, reformando e fortalecendo a sua industria cinematographica, cuja expansão a grande guerra entorpeceu, indicam a importancia que significa para cada paiz, como negocio e como reclame, de seguro effeito immediato ou futuro a criação e a divulgação dos seus films.

Não ha, actualmente, propaganda mais habil, efficaz incisiva e decisiva que a feita pelo film em milhares de salas de exhibição. Não, naturalmente, a reclame forçada e insipida de pequenos factos de interesse muito particular e de pequenas personagens de interesse ainda menor mas a reproducção de grandiosos trechos naturaes de aspectos das nossas maiores cidades de flagrantes do progresso agrario e industrial, habilmente ncludos em um enredo empolgante, que focalize, com intelligencia o meio nacional e o caracter do nosso povo.

Atravez da nossa cinematographia, desde que ella seja perfeita e attrahente, o Brasil poderá ser conhecido no seu exacto sentido.

ANTONIO CICERO

(Do "Jornal do Commercio" do Rio, edição do dia de Natal).

OFFICINAS GRAPHICAS D'O MALHO